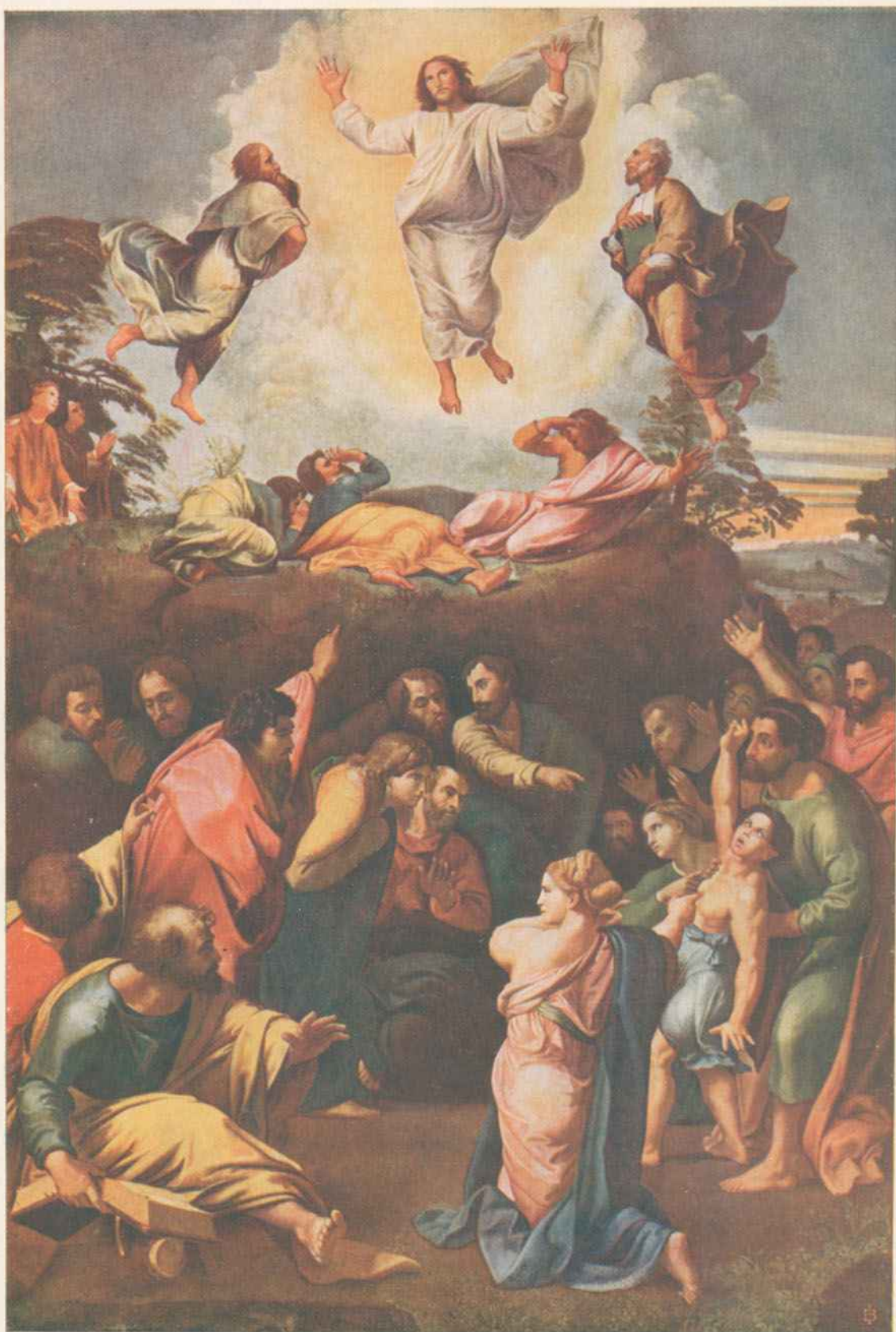
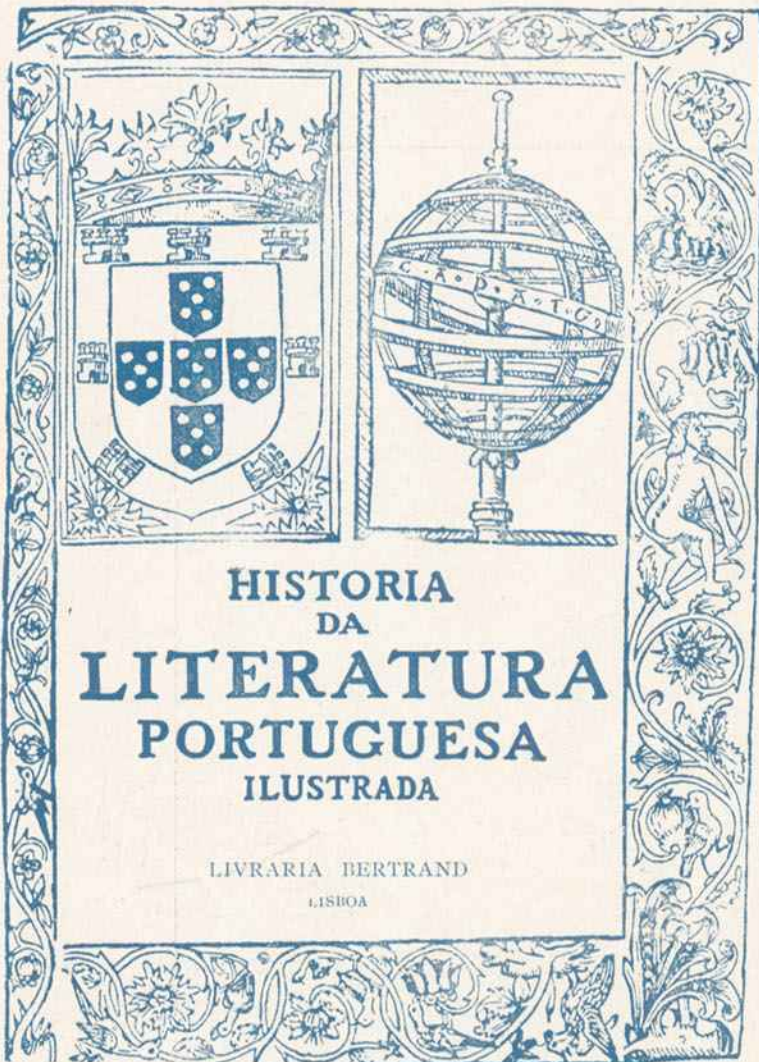


# ILUSTRAÇÃO



A TRANSEFIGURAÇÃO — (QUADRO DE RAFAEL, EXISTENTE NO VATICANO)



HISTORIA  
DA  
**LITERATURA**  
PORTUGUESA  
ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND  
LISBOA



**A sair brevemente o XXXIV tomo**  
**A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE**  
**EDITADA EM PORTUGAL**

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) . . . . . 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA 34\$50 67\$00 132\$00  
ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00  
ESTRANGEIRO . . . . . 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem . . . . . 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE  
**ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO**  
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.  
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.  
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.  
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.  
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.  
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.  
BRITO CAMACHO, escritor.  
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.  
CRISTOVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.  
CORELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.  
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.  
SUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.  
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.  
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.  
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.  
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.  
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.  
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.  
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.  
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.  
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.  
LUÍS XAVIER DE COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.  
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.  
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.  
MOSES BENSBAY AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.  
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.  
OPIRÍO VELLOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.  
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.  
B. COSTA SANTOS, escritor.

**EDIÇÃO MONUMENTAL**

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,  
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,  
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

**E CONTERA**

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

**CONSTITUINDO**

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO . . . . . 10\$00

**Conselhos Práticos**

**ENTORSE**

(TORCEDURA DE PÉ)

Quando se torce o pé, a primeira coisa que vem à idea é a massagem. Sem dúvida! Mas comecem por dar ao pé um banho quente, muito quente.



**0 Verdadeiro Acolhimento**

completa-se, oferecendo-se uma bebida agradável e que possua renome universal. A mesa de chá tornarse-ha mais convidativa, mais distinta, se a qualidade for



**CHÁ HORNIMAN**

Sómente em pacotes de 14—50—125 e 250 gramas.



**ILUSTRAÇÃO**

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.<sup>a</sup>

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30—Lisboa

**PREÇOS DE ASSINATURA**

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. (Registada) . . . . .	30\$00	60\$00	120\$00
Ultramar Português (Registada) . . . . .	32\$40	64\$80	129\$60
Espanha e suas colonias (Registada) . . . . .	—	64\$50	129\$00
Brasil (Registada) . . . . .	—	69\$00	138\$00
Outros países (Registada) . . . . .	—	63\$00	126\$00
Outros países (Registada) . . . . .	—	67\$50	135\$00
Outros países (Registada) . . . . .	—	66\$00	132\$00
Outros países (Registada) . . . . .	—	75\$00	150\$00
Outros países (Registada) . . . . .	—	75\$00	150\$00
Outros países (Registada) . . . . .	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

**Novidade Sensacional!**  
**Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida!**

Uma maneira geral procedese da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaralhados com um pente apropriado (desembaralhador), pentear com a cabeça ainda húmida, com o PENTE ONDULADOR de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior. Pente deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada circa de 10 a 15 vezes, e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.

**PENTE ONDULADOR VIEIRA**

Exclusivo de venda: **ACADEMIA SCIENTIFICA D E B E L E Z A M. de CAMPOS**  
 Av. da Liberdade, 35—Lisboa

**Preço Esc. 15\$00**

**O FAMOSO CREME PARISIENSE**  
 J. LESQUENDIEU

*Veja este lindo rosto de mulher. é tratado com a Reine des Crèmes. Amanhã será o vosso Creme*

**REINE DES CRÈMES**

A venda em todas as boas casas de Portugal  
 Agente exclusivo para Portugal AZULAY & C<sup>l</sup> 100 rua Aurea Lisboa

**O exito**

na vida, consegue-se principalmente mediante o trabalho e o saber, mas depende tambem de que no momento favoravel se saiba tomar uma resolução firme. Mas que succede se n'esse preciso momento nos não encontramos bem? (Podemos sofrer d'um resfriamento ou do excesso de trabalho nos ter produzido dores de cabeça: podemos ter dores de dentes, enxaquecas ou qualquer outra dôr). E' então que se necessita de Cafiaspirina, que não só elimina as dores, mas tambem reanima e estimula, graças à acção da cafeína. Tem-se a sensação de ser outro homem, desaparecem as dores — obtém-se o exito!

Tome pois **CAFIASPIRINA** **BAYER**  
 Não afecta o coração nem os rins.

**PAULINO FERREIRA**  
**ENCADERNADOR - DOURADOR**

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

**CASA FUNDADA EM 1884**  
 Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido.—DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo**  
**Orçamentos Grátis**

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA  
 Telefone 2 2074

# Contos, Novelas e Romances

Amor e o Tempo (O) por Dr. Augusto de Castro . . . . .	15\$00	Homem dos Dois Corações (O) por Rocha Martins . . . . .	3\$00
Art.º 438.º (O) por D. Carmen de Burgos, tradu- ção de Lopes de Sousa . . . . .	3\$00	Matou por Amor (A que) por D. Emilia de Sousa Costa . . . . .	3\$00
Cinco Mil Francos por Mês por Reinaldo Ferreira . . . . .	3\$00	Minha Mulher por W. Fernandes Flores . . . . .	3\$00
Colecção "Diário de Notícias" por diversos autores . . . . .	7\$50	Mort de D. Juan (La) por Paulo Osório . . . . .	8\$00
Drama na Sombra (O) por Ferreira de Castro . . . . .	3\$00	Noite de Núpcias por Lourenço Cayola . . . . .	3\$00
Ele e Eu por Augusto Pinto . . . . .	5\$00	Ruínas por D. Helena de Aragão . . . . .	8\$00
Fumo dos Casais por D. Maria da Nobrega . . . . .	10\$00	Sombras e Claridades por D. Helena de Aragão . . . . .	8\$00
		Veneno do Sol (O) por D. Fernanda de Castro . . . . .	10\$00

À venda na filial do **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

**LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11**



Um dos melhores livros para crianças  
últimamente publicados é

## O Pretinho de Angola

POR

**CÉSAR DE FRIAS**

Nos sete formosos capítulos deste 32.º volume da **Biblioteca dos Pequenininos** conta-se a história comovedora do mais simpático pretinho estudioso.

Sugestivas ilustrações de **Ilberino dos Santos**

**Preço: 5\$00**

A' venda na Filial do *Diário de Noticias*, **Largo de Trindade Coelho, 10 e 11**, e em todas as livrarias

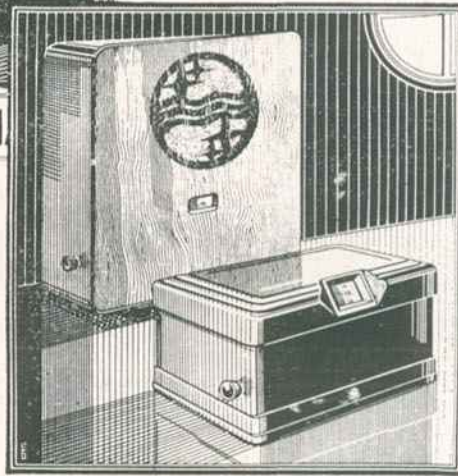
# "SUPER INDUCTANCIA"

## O NOVO CIRCUITO RECEPTOR PHILIPS



SUPER INDUCTANCIA

720/730



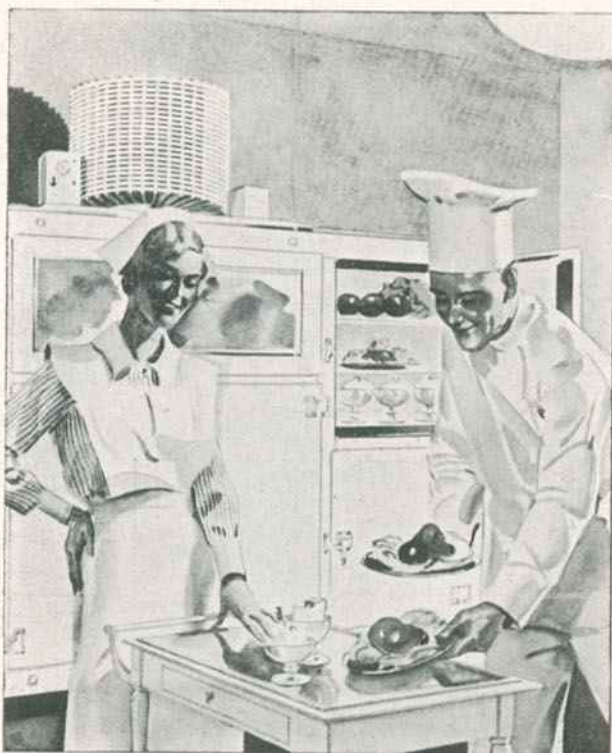
reune a maior selectividade e a melhor qualidade . . . Bobines blindadas em cilindros de cobre macisso . . . Válvula de alta frecuencia construida especialmente e com uma grande inclinação . . . O melhor material num pequeno chassi . . . Elegante caixa de linhas modernas . . . Solida construção.

SUPER-INDUCTANCIA o unico circuito aconselhavel

# PHILIPS

# GENERAL ELECTRIC

## Refrigerator



**MECANISMO SIMPLIFICADO  
E SILENCIOSO CONSUMINDO  
MUITO POUCA CORRENTE**

**A sua grande simplicidade  
é o resultado de quinze  
anos de investigações e  
estudos nos laboratorios  
de electricidade**

**GENERAL ELECTRIC COMPANY**



*A marca GENERAL  
ELECTRIC é a me-  
lhor garantia de boa  
qualidade d'um apa-  
— relho electrico —*

### **A DESPENSA HIGIENICA IDEAL**

**COM ELA:**

**Apetecíveis e deliciosas sobremesas  
Menús variados todos os dias  
Os alimentos sempre em perfeito estado  
de conservação**

**Gelo, sorvetes, saladas de fruta, etc.  
O armario frigorifico simplificado  
Uma simples tomada de corrente basta  
O Refrigerator automaticamente fará o resto**

**PROTEJA A SAUDE DE SUA FAMILIA INSTALANDO EM SUA CASA UM**

## **GENERAL ELECTRIC REFRIGERATOR**

**Concessionario geral para Portugal e Colonias**

**Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.<sup>da</sup>**

**Praça Luiz de Camões, 36, 2.<sup>o</sup>, Dt.<sup>o</sup> - LISBOA - Telef. 2 5347**

REDACÇÃO E  
ADMINISTRA-  
ÇÃO: RUA AN-  
CHIETA, 31, 1.º  
TELEFONE: -  
20535

# ILUSTRAÇÃO

*grande revista portuguesa*  
Director ARTHUR BRANDÃO

PROPRIEDA-  
DE DA LI-  
VRARIA  
BERTRAND,  
LTD.ª, RUA  
GARRETT, 73  
E 75 - LISBOA

N.º 7 - 7.º ANO

1-ABRIL-1932



CRISTO E OS PECADORES

(Quadro de Rubens, existente na Velha Pinacoteca, em Munich)

# Crónica da Quinzena

## ALELUÍA

MARIA Madalena, Maria, mãe de Tiago e Maria Salomé, inconsoláveis pela morte de Jesus, compraram aromas e, de manhã cedo, se dirigiram ao túmulo para embalsamá-lo. Pelo caminho iam dizendo umas para as outras: — Quem há-de levantar a campatao pesada, se a nossa força de mulheres não fôr bastante?

Quando chegaram perto do sepulcro, já o sol era nascido. Notaram a pedra revolvida e, tendo olhado para dentro, só viram a mortalha sem o corpo. Maguadas, quizeram certificar-se, apalpando com as mãos. E então perceberam, ao lado, um vulto resplandente, sereno, de voz celestial, que lhes falou desta maneira: — «Procurais Jesus de Nazaré, que foi crucificado. Ele não está aqui porque ressuscitou. Ide anunciá-lo aos seus discípulos e parti, a vê-lo, na Galiléa, onde vos aparecerá, como prometeu.»

Alegradas as mulheres com a notícia, clamaram aleluía! aleluía! e correram a divulgá-la por quantos encontraram.

Todos ouviram e creram e repetiram o mesmo brado. Aleluía, aleluía, passou de boca em boca. E de serem muitas as vozes havia de parecer o chincalhar de campainhas de prata, tinindo ao mesmo tempo. O próprio ar bebeu o som, bem como a luz, que iniciadas na delícia do verbo escolhido para dizer contentamento, o fixaram em vibrações de frescura e cor, depois o ensinaram a quanto se apresenta animado de vida. Daí foi que a natureza inteira, ao rodar a quadra do ano em que se operou a maravilha, se exalta a gritar, como fizeram, naquela hora, as três Marias que muito amaram Jesus de Nazaré.

A pitiga da amendoeira, a flor da romã, as margaridas do chão verde bradam o mesmo que as mulheres de Jerusalém. Aleluía, exala-se de cada pétala, de cada fôlha a despontar, dos cabritos e cordeiros acabados de nascer. Ouve-o quem sabe ouvir, e lê quem saber ler a harmoniosa exclamação, no que se depara de canto a canto do horizonte. Se outros não o

entenderem assim, só se fôr por vocalisarem de modo diferente do português que a canta em cinco sílabas. A-le-lu-í-a. Esta a forma bela e álere que exprime o grande mistério da renovação, neste momento celebrado.

Foi muito de propósito que Jesus ressuscitou na primavera. O seu divino entendimento lhe mostrou que noutra estação, com outro sol, outro ar, outras côres, as gentes mal saberiam comungar a alegria suave por aquele estranho acontecimento vertido nas almas. Nem conceberiam o anseio que o prodígio de vencer a morte lhes sugere.

A luz do mês da Páscoa diz aleluía, e o sangue, agitado por vibração inefável, desperta, crê no ressurgimento ou na possibilidade de fugir à lei inexorável. A oliveira anosa de milénios, revive da raíz e expande a copa a cada retôrno da quadra. Porque não há-de também o homem, com forma igual à de Jesus de Nazaré, despojar-se dos ramos velhos, do tronco lurado, dos musgos e fealdades que o tempo cria, e tornar ao viço, ao pulcro e nédio contôrno, conservando o espírito recebido na origem que muito bem se compara a uma raíz onde perdura a essência do ser?

Este o germe de esperança, a mais cariciosa que Jesus deixou. Perdurar, que vem a ser salvar a alma do aniquilamento, da dispersão, repelir o termo obscuro da perda da consciência, ficou em promessa desde a primeira aleluía vocalisada pelos que corriam a perder de fôlego no regresso do Santo Sepulcro.

Se aconteceu uma vez, é lícito confiar em que torne a acontecer. Um milagre, não consente outro milagre?

Prudência, coração ambicioso, que muito longe vais com a cobiça. Pois não atendes à qualidade de quem ressuscitou? Foi o próprio filho de Deus, que apenas se serviu da carne para exprimir o verbo eterno.

— Nem assim! clama o sentido ávido de perdurar. Ele, a si mesmo se tratava de filho do homem. Sinal de que o marcado pelo exemplo equi-

valia a testemunho, delimitando a condição humana depois de remida pelo sacrifício. E se não tivesse tomado forma mortal para perdoar a morte, a redenção ficaria obscura, imperfeita, sem continuidade com a obra do paraíso. Sobreviver, não acabar, constitui o anseio da inteligência, e só para satisfazê-lo se rogava o apoio da mão divina. Ela o concedeu, como se reconhece no favor recebido pela filha de Jario, pelo irmão de Marta, de nome Lázaro, que esteve sepulto quatro dias.

Que mais precisa a carne para consôlo na inquietação que lhe causa o receio de apodrecer?

Bem acalentados ficaram os que possuem a dôce ventura de crer. Bastou que o prodígio comemorado na aleluía deixasse o sustento da fé para constituir herança de um dom supremo e deleitoso, representado na força capaz de iludir o horror da dissolução total.

A promessa de ressurgir atenua a aversão suprema do sentimento. Como se ressurgirá? Não importa. A repugnância oprime tanto que nem o entendimento consegue aplicar-se a descobrir os modos. Contenta-se com a imprecisa representação da vida ou reflexo ténue dos sentidos que lhe deram noção da existência. Não pretende averiguar. Aceita o que possa servir para encobrir a face horrível da morte definitiva.

Aleluía!

Renascem as flores, as ramalheiras, o pialhar amoroso dos pássaros; despertam energias dormentes que o frio amortecera. As árvores despidas, escuras, simularam de esqueletos que nunca mais se animariam. E de súbito, estremecendo à luz, começaram a mover-se, a enfeitar-se para a grande festa da criação.

Aleluía!

Ao impulso da natureza, vibrante de entusiasmo, o sangue também desperta para acompanhar o ritmo da seiva, e a alegria impressa nos ramos a desabrochar corre nas veias.

Ressuscitaram as côres, os perfumes, os cantos, o amor.

Aleluía!



# OS PAES DOS NOSSOS NETOS

No Tamariz, em frente ao mar. Tarde maravilhosa de outono. A enseada azul esplendida. Passam navios.

Sentados a uma das mesas, sôzinhos, JOË e MARY conversam. A idade de ambos, junta, não atinge cinquenta anos. MARY, viva, magra, tipo desportivo, olhos inteligentes, músculos harmoniosos, veste-se de cinzento, sôbre um curto «chandail» vermelho, e calça sapatos ingleses, razos. JOË, bonito rapaz, moreno bronzado, forte, olhos negros de italiano, em mangas de camisa — uma camisa de panamá, para «tennis» — saboreia, distraído, o seu «brandy-slip».

JOË — Está um tempo excelente, hein?

MARY — Está.

JOË — É outono, e abrem as rosas. Eu prefiro isto a Nice. É você?

MARY — Eu prefiro Nice.

JOË — Mais divertimentos. Mas a natureza é admirável. Veja a enseada...

MARY — Estou vendo. JOË — O Mediterrâneo tem outro azul. Um azul mais vivo. Você conhece Capri?

MARY — Conheço. JOË — O mar é sempre o mesmo e sempre diferente. Eu gosto imenso do mar. E você?

MARY — Também. JOË — Gosto do mar, sobretudo quando estou em terra. É quando faz bom tempo. — Mas olhe que está um dia lindo, Mary. Você não acha?

MARY — Já lhe disse que sim. Você não fala senão do tempo. Parece inglês.

JOË — *Glorious day!* Os ingleses falam do tempo para dizer alguma coisa.

MARY — Você não tem mais nada que me dizer?

JOË — Tenho. MARY — Então, porque não diz?

JOË — Gosto mais de conversar consigo quando está muita gente à nossa volta. Quando estamos sós, prefiro calar-me e olhar para si.

MARY — Deve ser divertida a sua lua-de-mel, quando você se casar.

JOË — Conforme.

MARY — Conforme, o quê?

JOË — Conforme a noiva. — Aquele paquete, que vem a entrar, é com certeza holandês.

MARY — Deixe o paquete. Olhe para mim.

JOË — Pronto. (Olhando-a) Sabe, Mary, que tem um nariz muito bonito?

MARY — Tenho só um, mas está às suas ordens.

JOË — Obrigado. Você é uma rapariga sem defeitos.

MARY — É pena. Os homens apreciam muito mais os nossos defeitos do que as nossas qualidades. — Que está você a olhar? É o paquete?

JOË — Não. Estou a vêr a côr dos seus olhos. Só agora reparei que os seus olhos são verdes.

MARY — Como você olha para mim! Então, não vê que são azues?

JOË — É verdade. São azues. E o pa-

MARY — É tão fácil dizer coisas agradáveis!

JOË — O que eu tenho a dizer-lhe não é agradável. O que eu tenho a dizer-lhe, é...

MARY — É?

JOË — É que o tempo, afinal, não está tão bom como eu supunha. Aquelas nuvens brancas — não vê, Mary? — amanhã, dão chuva.

MARY, levantando-se — Se estou mais tempo ao pé de si, fico neurasténica.

JOË — Sente-se. Estão a olhar para nós. Parece mal.

MARY — Quem é que está a olhar para nós? Não vejo aqui ninguém.

JOË — É toda aquela gente que vem no paquete alemão. Não ouve a música, a bordo?

MARY — Quantas vezes tomou você whisky, hoje?

JOË — Duas vezes. Mas estou raciocinando tão bem que não me parece que seja este o momento oportuno para falar de certas coisas.

MARY — Porquê? Por estarmos sós? Eu prometo que não abuso de si.

JOË — Promete? Nesse caso, conversemos. (MARY senta-se) Sabe? Eu suspeito de que os nossos pais pensam em casar-nos.

MARY — É uma idéia como qualquer outra.

JOË — Já tenho notado que eles olham para nós duma maneira muito significativa. E, às vezes, sorriem.

MARY — É natural. Vêem-nos sempre juntos.

JOË — Nem todas as pessoas que andam juntas se casam.

MARY — Mas quasi todas as pessoas que se casam começam por andar juntas.

JOË — Nós somos, apenas, dois bons amigos. Temos as mesmas im-

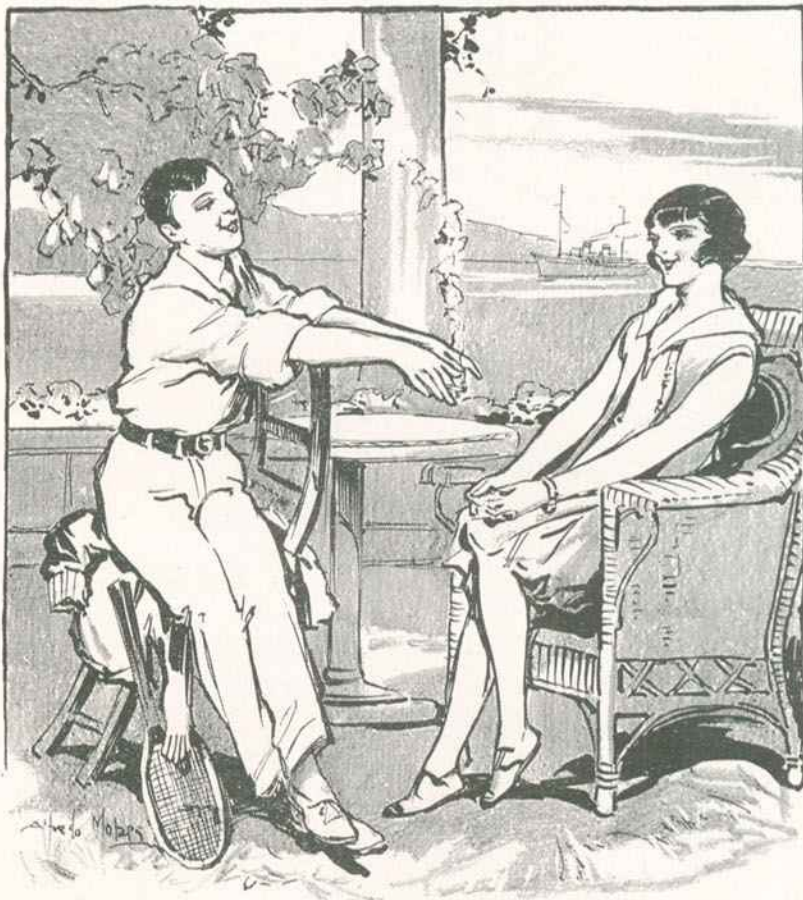
pressões e fumamos os mesmos cigarros. Entretanto, Mary, devo preveni-la das minhas suspeitas. Minha mãe não faz senão dizer-me que você é encantadora.

MARY — Sim?

JOË — A pobre senhora teve sempre o defeito de fazer juízos precipitados.

MARY — É curioso. Meu pai também me afirmou ontem que você deve dar um bom marido. Ele, nestas coisas, enganase sempre.

JOË — Não diga isso, Mary. Eu tenho pelas opiniões de seu pai a maior con-



— ESTÁ UM TEMPO EXCELENTE, HEIN? —

quete também não é holandês, é alemão. Não estou hoje com sorte. Se jogasse, perdia.

MARY — Diga-me. Que é que você tem?

JOË — Eu?

MARY — Sim. Você está perturbado. Você está pensando em tudo, menos no que está a dizer.

JOË — Mary... E se nós falássemos francamente um ao outro, como dois bons amigos?

MARY — Ora, até que enfim! Não

sideração. Em todo o caso, entendo que os nossos pais, fazendo-nos referências tão agradáveis, manifestam o propósito evidente de nos incompatibilizar.

MARY — De nos incompatibilizar, diz você?

JOË — Decerto. Se nós casarmos, não temos, de modo algum, a certeza de continuar a manter as boas relações que temos mantido até hoje. Porque nós, Mary, podemos não estar de acôrdo às vezes sobre o tempo, mas somos dois excelentes camaradas.

MARY — É quem lhe diz que, se nós decidirmos não casar, eu estarei disposta a ser o seu excelente camarada?

JOË — É por isso que o assunto tem de ser muito reflectido. Os nossos pais pensam em casar-nos. Mas isso não tem importância nenhuma, porque não são eles que se casam, somos nós.

MARY — E, como somos nós que nos casamos, que pensa você?

JOË — Penso... Olhe. Penso que aquele *yacht* branco deve ser o de Madame Herriot. Você não gostava de ter um *yacht*? (MARY levanta-se) Onde vai você, Mary?

MARY — Vou-me embora, porque, se fico ao pé de si, tenho um ataque de nervos.

JOË — Esteja descansada. Eu trago os sais ingleses.

MARY — Você imagina que eu estou disposta a cheirar sais ingleses todos os dias?

JOË — Se prefere desmaiar, não faça cerimônia. Não me incomoda nada. Eu posso consigo ao colo.

MARY — Você, Joë, não tem vergonha nenhuma. (Voltando a sentar-se) Dê-me um cigarro.

JOË — Não se pode ter tudo, Mary. (Abrindo a cigareira) Quer então que lhe diga o que penso do nosso casamento?

MARY, tirando um cigarro, que Joë acende — Quero.

JOË — Penso que deve ser muito divertido.

MARY — Para si?

JOË — Para os nossos pais. Os nossos pais vão divertir-se extraordinariamente.

MARY — E nós?

JOË — Nós, ao princípio, devemos aborrecer-nos. Não lhe parece, Mary?

MARY — Estou vendo que sim.

JOË — Acabamos por nos habituar, como toda a gente. Mas, nos primeiros tempos, deve ser horrível. Você já pensou nos incômodos duma viagem de núpcias?

MARY — Suíça, Côte-d'Azur, o Mediterrâneo... Tem razão. É horrivelmente incômodo.

JOË — E, depois, vêr todos os dias a mesma pessoa, quando acordamos...

MARY — Jantar todos os dias com a mesma pessoa...

JOË — Não há appetite que resista.

MARY — Sente-se a necessidade de mudar de paisagem.

JOË — Ainda bem que você concorda comigo, Mary. Você é uma rapariga inteligente.

MARY — Não há dúvida. Deve ser

aborrecido viver eternamente ao lado do mesmo homem.

JOË — Do mesmo homem, não digo. Mas, da mesma mulher, é atroz.

MARY — E, entretanto, você fuma sempre os mesmos cigarros.

JOË — Engana-se, Mary. Fumo sempre um cigarro diferente. Este, por exemplo, sabe-me mal. Atiro-o fora, e acendo outro.

MARY — E você não acha diferença alguma entre um cigarro e uma mulher?

JOË — Nenhuma. É a mesma pequena coisa perfumada que nós tocamos com os lábios, que arde para nos dar prazer, e de que não fica, afinal, senão um pouco de cinza.

MARY — Obrigado, Joë. Fico conhecendo a sua opinião.

JOË — Que lhe parece?



—MARY, EU AMO-A!

MARY — Vejo que pensamos ambos de maneira diferente dos nossos pais.

JOË — Sim. Os nossos pais, coitados, cometeram a imprudência de se casar.

MARY — E iludiram-se julgando que eu poderia vir a ser sua mulher.

JOË — Parece-lhe, Mary?

MARY — Tenho a certeza.

JOË — Sim, talvez. Nós somos pessoas modernas. Nascemos para viver solteiros. Dois bons camaradas, não é verdade? Um pouco de *tennis*, um pouco de *flirt*... Hoje, já não perdi o meu dia. Sei que os seus olhos não são verdes, que aquele paquete não é holandês, e que você não pensa em se casar.

MARY — Nisso é que você se engana.

JOË — Deveras?

MARY — Devo casar-me ainda este inverno.

JOË — Este inverno? E não tem medo do frio? Olhe que você constipa-se.

MARY — Visto um casaco de peles.

JOË — Ainda não conheci nenhuma noiva que não estivesse constipada oito dias depois de se casar.

MARY — Não imagine que estou brincando. Caso-me com um bonito rapaz.

JOË — Bem sei.

MARY — Não sabe tal, porque você não o conhece.

JOË — Conheço-o perfeitamente. É um rapaz encantador. É o meu melhor amigo.

MARY — Então, quem é?

JOË — Sou eu.

MARY, depois de um silêncio, olhando-o — Meu pobre Joë!

JOË — Porque me chama você «meu pobre Joë»?

MARY — Como os homens se iludem!

JOË — Pois quem há de ser senão eu?

MARY — Como os homens são crianças!

JOË — Porque me olha dessa maneira, Mary?

MARY — Que confiança você tem em si mesmo!

JOË — Porque se ri?

MARY, olhando distraidamente o mar — Está um lindo dia. Não lhe parece, Joë?

JOË — Que me importa o tempo! — Então, se não sou eu, quem é?

MARY — Nem uma nuvem. *Glorious day!*

JOË — Quem é o seu noivo, Mary? Você é capaz de dar êsse desgosto aos seus pais?

MARY — Não são eles que se casam. Sou eu.

JOË — Você é capaz de me dar êsse desgosto a mim?

MARY, levantando-se, e estendendo-lhe a mão — Adeus, Joë.

JOË — Mary! Eu não a deixo sair daqui.

MARY — Está toda a gente a olhar para nós.

JOË — Quem? Eu não vejo ninguém.

MARY — Toda aquela gente que vem no paquete alemão. Não ouve a música, a bordo?

JOË — Não ouço música nenhuma. Eu só a ouço a si, só a vejo a si, Mary!

MARY — Então, os meus olhos são verdes ou azues?

JOË — Como quer que eu lho diga, se não olha para mim? Para onde está olhando?

MARY — Estou a vêr o *yacht* de madame Herriot.

JOË — Mary! Eu vou dizer-lhe uma coisa que já se não usa... Eu vou dizer-lhe uma coisa ridícula...

MARY — Diga...

JOË — Mary, eu amo-a!

MARY, num sorriso, abandonando-lhe a mão — Emfim!

JOË — Quer casar comigo?

MARY — Levou tempo, Joë!

# O testemunho do Crucificado

## Lenda e história do velho cemitério de Toledo

Não há talvez, em toda a velha Espanha, cemitério mais velho e mais histórico do que

este do Cristo de la Vega, na senhorial Toledo. Mais romântico, decerto, não o há, neste país de lendas e tradições, página que é do grande livro de história que é a cidade velha que o Tejo banha.

A ermida do Cristo de La Vega está fora das muralhas de Toledo, num pitoresco lugar junto ao rio e presidindo, hermética e severa, à formosa sinfonia de paisagem que é a Vega toledana, guardando, avara, a beleza da sua lenda. Guarda em si os restos dessa santa exemplar que foi Santa Leocádia. Para recolher seus sagrados restos se ergueu ali, no século IV, o primitivo edifício. Depois os tempos e suas inclemências forçaram às restaurações do pequeno santuário inicial. No século VII, o arcebispo Santo Pládio conseguiu que o rei Sisebuto transformasse o minúsculo panteão da Santa Padroeira de Toledo num grande Santuário, uma grande Basílica Real, na qual se celebraram os famosos concílios toledanos, aumentando assim a significação histórica do moimento.

Mas na tradição da Basílica ou Igreja Colegiada, um facto culminante sobre todos foi o milagre da aparição da Santa que, saindo do seu sepulcro veio, em nome da Virgem, dar graças ao arcebispo Santo Idefonso, quando este celebrava a festa da própria Santa em presença do Rei Recessinto, clero e corte toledanas, povo e exército, no dia 9 de Dezembro do ano 666, de que ficou mui grata memória.

Sob aqueles muros dormem o sono eterno reis gordos e arcebispos, entre eles os que foram santos na velha cidade, Santo Idefonso, Santo Eugénio III, Santo Eládio, São Julião.

Mais tarde, os moiros destruíram o panteão famoso e o arcebispo D. João II o reconstruiu, lhe chamou Colegiada e lhe deu um cabido de Agostinho. Depois ainda sofreu vicissitudes tais que é hoje modesta ermida, grandiosa apenas pela sua tradição histórica e religiosa. Mas, no entanto, conserva ainda a sua prodigiosa ábside, do mais puro *mudejar* toledano e no centro da igreja está ainda o túmulo da Santa Padroeira da Cidade.

O interesse romântico da ermida e cemitério adjacente é, porém, o altar-mór, onde se venera a imagem do Cristo milagroso de La Vega, que é

conhecido em todo o mundo e deu motivo a uma formosa poesia do grande Zorrilla, que se chama *A buen juez mejor testigo...*

Nesta fábula cristã se conta que Inês de Vargas estava queixosa de que D. Diego Martinez, moço fidalgo, ao regressar das guerras de Flandres, se olvidara da promessa de casamento feita antes da partida. E em defesa de sua honra ultrajada, a nobre dama não podia invocar outro testemunho que não fôra o do



O MILAGROSO CRISTO DE LA VEGA, QUE SE VENERA EM TOLEDO, COM SEU BRAÇO DESPREGADO DA CRUZ

Cristo de La Vega, a cujos pés mortificados D. Diego fizera o seu juramento, tão pronto olvidado em terras estrangeiras.

O governador, depositário da queixa, —di-lo a formosa lenda romântica,— dirigiu-se ao santuário com grande pompa de familiares, povo e militança.

A ambos os lados D. Inês e o réu de perjúrio. O notário, requerido pela autoridade, depois de rezar

à imagem, lê duas vezes o texto da acusação e, segundo a praxe do seu officio, demanda Jesus em voz alta e, segundo diz o poeta, desta forma:

*Jesús, Hijo de Maria,  
ante nos esta mañana  
citado como testigo  
por boca de Inês de Vargas,  
juráis ser cierto que un día  
A vuestras divinas plantas  
Juró a Inés, Diego Martínez  
por su mujer desposarla?*

Imediatamente, coisa de maravilha, conta o bardo que sobre os autos que empunhava o notário veio poisar uma «seca y hendida palma», que não era senão a mão descarnada do Crucificado...

«...Y allá en los aires,—Si juro!»— clamó una voz más que humana.

E a turba medrosa, erguendo a vista, notou que, em verdade, a santa imagem tinha os lábios abertos e a mão direita despregada da cruz.

É formosa a lenda, de uma romantismo exacerbado, mas formosa, sem dúvida. E o Cristo lá está com seu braço descarnado despregado da cruz. E não se cuida que o Triste Mortificado, segundo a lenda, a crença de seus devotos, que são todos os toledanos, só dessa vez, em defesa da honra de uma dama, deu testemunho jurado do que sabia ser verdade verdadeira. Também, de outra vez, um cristão emprestara dinheiros a um judeu e, ao negar este, o Cristo de La Vega testemunhou a dívida, deixando baixar, em juramento, o esquilado braço gotejante de sangue e suores lívidos. O mesmo divino braço aprovou, com o seu movimento, o comportamento de um piedoso fidalgo que, depois de um lance provocado por seu inimigo a este perdoou a vida.

E da capela e da milagrosa imagem, paladina de romantismo, brota o fluxo sentimental que se espalha pelo sereno cemitério adjacente, melancólico e saudável da tradição, a cujo portal uma lápide nos segreda: *Tem presente o meu fim, que assim será o teu...* E esguios, calados como preces da alma, os ciprestes se erguem no céu místico de Castela.



UMA ÁREA TRANQUILA DO CEMITÉRIO DE TOLEDO

# DESENHOS INÉDITOS

## DO PRINCIPE D. LUIZ FILIPE

### E DO REI D. LUIZ I

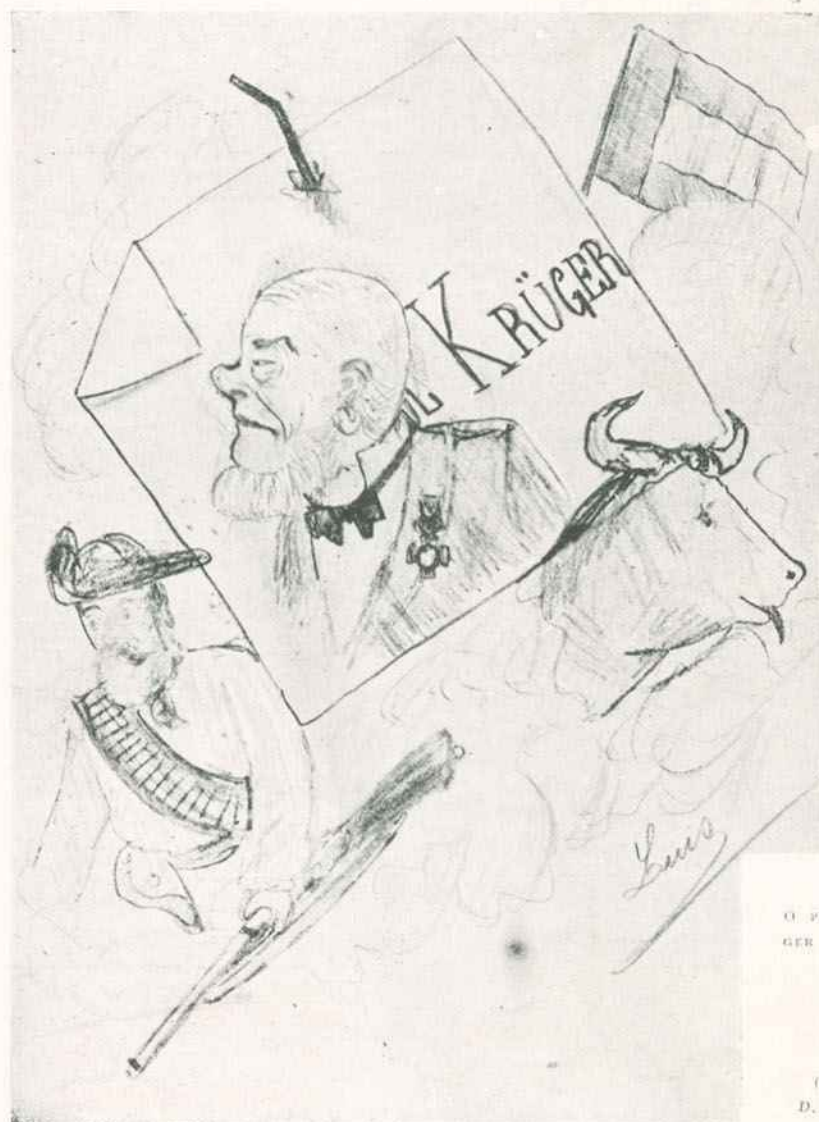
UM acaso quis que, passada a barafunda da morte do rei e da proclamação da República, alguns devotados servidores da Casa Real guardassem pequenas recordações dos soberanos com quem privaram.

«Recordar é viver», escreveu D. João da Câmara, e, em realidade, eles viviam recordando.

Foi assim que um velho empregado guardou e conservou, até há pouco, uma pequena porção de dese-

nhos dos tempos da meninice do príncipe real D. Luís Filipe, morto, com seu pai, o rei D. Carlos, na trágica tarde do Terreiro do Paço.

São desenhos banais, inexpressivos, de criança, desenhos feitos a lápis de cores e a tinta, mas já mostrando, pelos assuntos que represen-



O PRESIDENTE KRÜGER E A GUERRA ANGLO-BOER

(Desenho de D. Luiz Filipe)



O MESTRE DA GALOTA REAL

(Desenho de D. Luiz I)

tam, as preocupações do meio em que vivia. São desenhos de uma criança, é certo, mas são desenhos de um futuro rei.

Os seus lápis não se prendem com uma árvore, um moínho, um barco à vela, uma ave. Não.

Os seus lápis demoram-se a caricaturar o rei Eduardo VII, o militarão Bismarck, o presidente Krüger, com alusões aos boers e à guerra, um familiar do Paço, já que para ser o D. Fernando não há motivos sérios de acreditar.

Desenhos simples, desenhos ingénuos, são uma recordação e, só como tal, se publicam.

Nada valem senão pela mão que os fêz, figura que fica na História como uma vítima inocente dos homens e das paixões.

São dignos, portanto, da publicidade, hoje que se publicam em França todos os traços que as grandes figuras literárias e artísticas nos deixaram e que isso constitui um culto e uma devoção.

Publicaram-se os desenhos de Vítor Hugo, publicaram-se os esboços de Baudelaire, publicaram-se os croquis de Zolá.

E tudo isso ficou como documento interessante,

como motivos de demora para os olhos e para a evocação, das nossas fantasias dramatisadoras.

Os desenhos do príncipe D. Luís Filipe, publicam-se hoje. Nascido em 1887, morreu em 1908, contando 21 anos.

Deixou saúdaes, porque era polidíssimo, affectuoso, lhano, estudioso e correcto.

Tinha sempre uma palavra bondosa para os inferiores e sabia ser atencioso e atraente para com a sua *entourage*.



EM CIMA: UM FAMILIAR DO PAÇO — AO CENTRO: BISMARCK — EM BAIXO — EDUARDO VII

(Desenhos de D. Luís Filipe)

Era um homem, um Bragança que se não chegou a afirmar, mas que deixou saúdaes em todos os que o conheceram.

O outro desenho é original do rei D. Luís I, músico, ofi-

cial de marinha, tradutor de Shakespeare, e até pintor, como o filho, mas este pintor de nome, ao passo que, de D. Luís, são de somenos as manifestações do seu feitio pictórico.

O desenho que reproduzimos representa o mestre da Galeota Real, um curioso tipo de marítimo, como se vê.

Também estes desenhos têm uma curiosa história.

Comprados pelo ilustre homem de letras sr. Afonso de Dornelas, foram por êle oferecidos para as colecções do nosso brilhante colaborador e escritor sr. Albino Forjaz de Sampaio, a quem hoje pertencem na sua maioria.

O que representa o rei Eduardo VII pertence ao sr. dr. Casiano Neves.

Coleccionar é salvar do esquecimento e da destruição o Passado.

Publicando estes desenhos, estamos certos de que praticamos uma boa acção e que o público, sempre curioso e ávido de coisas interessantes, os aprecia como êles merecem.



Arte divina, que alla chama alicã,  
Mágico giro, que almas enfeitã.  
Já com medido salto o corpo eleva,  
E com graça gentil requêbra os braços.  
Já ao músico som afina os passos,  
E na gala, e dextreza, a palma leva.

SÉCULO XVII.

# APOTEOSE DA DANÇA

da vida, e era considerado o homem mais belo da França, contracenando com a Rainha Maria Teresa, sua esposa, o Príncipe Infante, seu irmão, as Duquesas de

Luynes, de Sully, de Foix, de Créquy, as Condessas de Soissons, de Nemours, as senhoras de Sévigné, de Montéspan, de Elboeuf, de Montpensier, de Arquié, depois Soberana da Polónia, os Duques de Sully, de Saint-Aignan, e os Marqueses de Nassau, de Sancourt e de Genlis, dansou, como o mais exímio bailarino, perante a sua cõrte embaçacada, os aparatosos bailes: *Le Triomphe de Bacchus*, *Le Temps*, *L'Amour déguisé*, *Les Plaisirs*, *Vincennes*, *La Railleria*, *Alcibiade*, *La Flore*, *L'Impatience*, *L'Amour malade*, e tantos mais, igualmente dançados nos paleos faustosos de Versailles, de Saint-Germain e das Tulleries, todos conhecidos, então, pela designação de «Ballet du Roi».

SEGUNDO Luciano, célebre filósofo da antiguidade, a dança remonta à criação do Universo, afirmando-se que foi originada pela assembleia dos astros, e, a conjugação dos planetas e das estrêlas fixas, serviu, pela sua harmonia, como base dessa tão divina Arte que, desde as mais remotas épocas, foi sempre um dos maiores encantos e prazeres de todos os povos, reputando-se hoje como um gôsto absolutamente universal.

Como bons lusfadas, quanto nos não devemos envaidecer de ver dansar, perante olhos estranhos, o nosso excelente bailarino Florêncio (Francis) — esse genial artista, que um dos mais abalizados críticos teatraes lisboetas proclamou, com justeza, a mais positiva afirmação coreográfica do teatro português de todos os tempos!

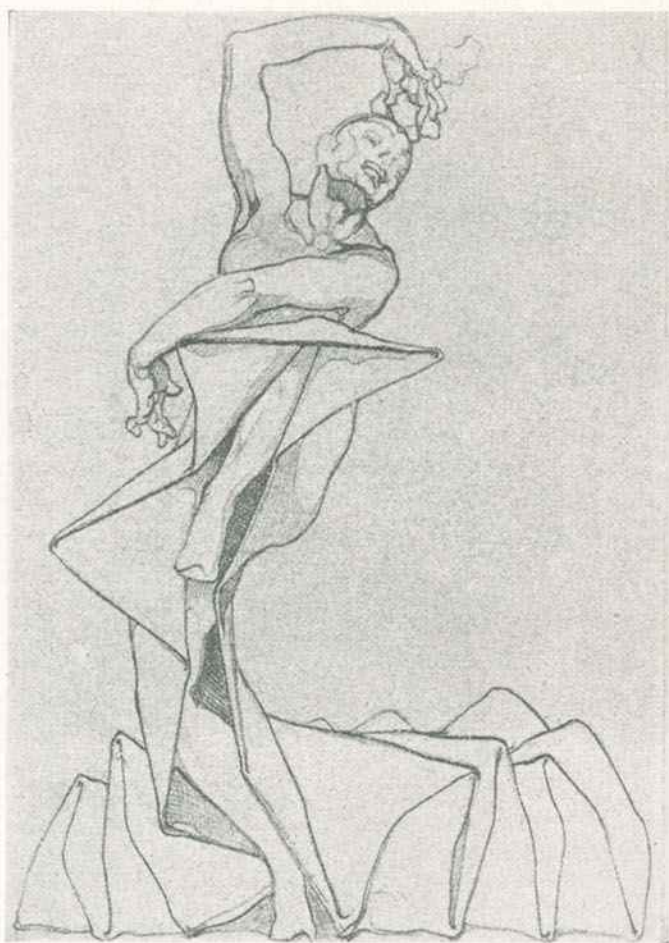
Foi êle que, aliando a sua sensibilidade artística ao bom gôsto de D. Maria Adelaide de Lima Cruz, de José Barbosa e António Amorim, conseguiu revolucionar, por tal forma, este género de espectáculos, que, tirando-os da sordidez em que se atascavam, os transformou em coisa digna da cena portuguesa.

Como o famoso russo Sérgio Diaghilew, que tornou ainda mais belo, o já reputado baile da sua pátria, assim inovou Florêncio a dança portuguesa. As suas soberbas criações: *Fado*, *Vira* e *Fandango*, são manchas de Arte, com tal cõr e tal beleza, que, nos folklores estrangeiros, muito raramente será dado encontrar equivalências.

Não é vulgar atingir-se as eminências da Arte, alcançadas pelo magnífico artista, e, para tal, é imprescindível existir génio e alma, virtudes de eleição que êle possui e só Deus concede; e todo aquelle que as não possuir, nunca poderá ser artista, mas, muito simplesmente, um adventício, um elemento, por vezes até, prejudicial para o prestígio de tão distinta profissão.

Porque não aproveitar-se, portanto, êsse extraordinário temperamento, e todo o esbelto rancho das suas donairosas discípulas, para se filmar documentários sonoros da nossa terra, dos quais êle seria um perfeito orientador, e que, muito louvável e patrioticamente, iriam mostrar ao estrangeiro, o quanto são lindas, a nossa terra, a nossa dança e a nossa música?!

Cenários bem alindados e compostos pela Natureza e pela mão do homem, não nos faltam: Os Mosteiros de Alcobaça, da Batalha, de Belém e de Mafra; as Serras da Estrêla, de Sintra, da Arrábida e de Monchique; os castelos de Guimarães, da Feira, do Almorol e de Leiria; os jardins de Queluz, da Pena, de Monserrate e de Fronteira; as Sés de Braga, do Pôrto, de Coimbra e de Évora; as costas de Sagres, de Cezimbra, da Nazaré e da Póvoa; as lezírias de Almeirim, de Salvaterra, de Azambuja e de



A DANÇA

(Desenho de Carpenter)

Vila Franca; as margens do Douro, do Mondego, do Tejo e do Sado; e mais um rol infindo de dádivas que o Sol de Portugal ilumina!

Muitos foram os poderosos da terra, que prestaram relevantes serviços à subtil Arte dos mimos ou pantomimos, na qual as atitudes do corpo se expressam com mais insinuante compreensão do que a própria fala da língua, mas, nenhum houve que excedesse a Luís XIV, o esplendoroso Rei-Sol.

Êle mesmo, quando estava na pujança

Para se avaliar o conceito em que êste inteligente soberano tinha a dança, transcreve-se, traduzido do idioma original, um significativo decreto régio, publicado em 1661, quando, na capital francesa, foi criada a Academia Real de Dansa:

«Se bem que a Arte da Dansa tenha sempre sido reconhecida como uma das mais honestas e mais necessárias para formar o corpo, dando-lhe as primeiras e as mais naturais disposições para tôdas as espécies de exercícios, e, entre outros, para o das armas, e, por consequência, um dos mais úteis à nossa nobreza, e outros que têm a dignidade de nos dar acesso, não somente, em tempo de guerra, nas nossas armadas, mas ainda, em tempo de paz, nos prazeres dos nossos baillados, succedeu, contudo, que, durante a desordem e a confusão das últimas guerras, se introduziu na dita Arte, como em tôdas as outras, um grande número de abusos capazes de cansarem a sua irreparável ruína... Pelo que, tornando-se necessário remediar, e desejando restabelecer a dita Arte na sua perfeição, e aumentá-la tanto quanto seja possível fazê-lo, julgamos oportuno estabelecer, na nossa boa cidade de Paris, uma Academia Real de Dansa, composta de treze membros dos mais experimen-

tados da dita Arte.»

E já Hésiodo, remoto grego, que viu dançar as voluptuosas Musas, em redor do sagrado altar de seu pai, tendo êle próprio, com os delicados pés, pisado, em rítmica cadência, as inebriantes violetas florescidas junto à fresca fonte de Hypocrême, declarou que a dança, Arte divina, exaltada por Socrates, Homero e Platão, é a mais estimável prenda que os Deuses concederam à Humanidade!

E. Raposo Botelho.

# 'MISS' FUTURO

O problema do presente e do futuro moral da Mulher preocupa os homens, sobretudo os que já se não usam. Sobre esse caso falam todos, e ninguém se entende. Oitamos, pois, uns e outros, escutando primeiro como se aflige e queixa, talvez de mais, a velha e boa senhora TRADIÇÃO:

A TRADIÇÃO — As mãis de outro tempo, quando embalavam no berço as filhas pequeninas, e na sua extasiada imaginação as viam crescidas já, e donzelas, e aptas a serem um dia noivas também, como elas foram, creio bem que tôdas poderiam resumir os seus cândidos sonhos maternos nestas palavras já quasi desusadas: modéstia, recato, pudor, pureza, inocência... ¿Poderão as mãis de hoje e de amanhã acariciar o mesmo sonho, em que havia mais parentesco com pensamentos e imagens celestes, do que com as imperfeições e misérias da terra suja?...

OS NOVOS TEMPOS — Essa pergunta pode formular-se de modo mais plástico, mais concordante com um dos aspectos modernos do modo de ser da mulher nova e bonita. A nossa linguagem



A MULHER MODERNA

mudou com os nossos costumes e é preciso falar à moda de hoje. Agora chamam-se as nações a concurso, para serem examinadas no capítulo capital e capitoso da beleza física das suas filhas. As prin-

cesas do dia, os exemplos e traslados femininos de agora, chamam-se Miss França, Miss Grécia, Miss Europa, Miss América, e até Miss Universo. Os seus nomes e os seus retratos enchem os olhos de muitos homens, e de muitas mulheres, principalmente. O que é preciso não é chorar o passado, mas prever os tempos que vêm. ¿Será possível distillar dêste fenómeno novo o tipo geral de Miss Hoje-em-Dia, e adivinhar o que será Miss Futuro?

O OPTIMISTA — Tudo isso são excepções. A regra geral, o tipo médio da donzela de hoje, são os mesmos de ontem e de sempre. A virtude, a modéstia, o recato, o pudor, não têm história nem crónica. O que salta aos olhos, o que enche as ilustrações e os periódicos, o que tempera as conversas com sal e pimenta estimulantes, são raridades...

A TRADIÇÃO — São aberrações e são escândalos. Mas a verdade é que há uma mudança grave, funda e ubíqua. A atmosfera de hoje é outra. É a atmosfera, salvo êrro, existe para que todos a respirem. O berço onde se aninha entre rendas o botãozinho de rosa está colocado no ambiente geral. Os micróbios não se vêem, mas sabe-se que enchem o ar. ¿Quem poderá calafetar-se contra a infecção circundante?

O FILÓSOFO — Estamos assistindo ao advento de uma moral nova, que em confronto com a antiga se afigura imoral. Os tempos são outros, e os tempos, mais que a vontade dos homens, são os fornecedores de moral e os fabricantes de costumes.

O REVOLUCIONÁRIO — Não se incomodem, senhores. Resginem-se, e pensem noutras coisas mais úteis. O edifício da

velha sociedade cai em pedaços e



AS MÃIS DE OUTROS TEMPOS

está sendo reconstruído sobre outros alicerces. É um luto de classe, o dos que choram o nimbo de poesia que outrora rodeava a virgem rica e protegida, sem se terem preocupado nunca com a desprotecção e o próprio sacrifício da virgem pobre e desamparada. As mulheres nascem iguais e são iguais — iguais entre si e iguais aos homens, nos direitos da alma e do corpo. O recato feminino era um dos embustes com que se disfarçava o velho abuso da propriedade; no impudor feminino temos de ver uma das formas da progressiva e inevitável libertação humana. Consultai a ciência moderna, a economia moderna, o direito moderno — e êles concordarão comigo e rir-se-ão, como eu, das vossas lamúrias.

A CIÊNCIA — A mulher de 1931 é mais forte e mais sã do que a sua congénere de 1880 — pálida, flácida e quasi incapaz de se mover sòzinha. O sol, o ar livre, o exercício, o vestuário racional, a nudez salutar, fizeram dela um ser livre, apto a expandir-se em todos os sentidos. Libertada e ainda convalescente, ela concorre já com o homem em tôdas as carreiras, com o seu cérebro desperto de uma sonolência de séculos. O homem, que a manteve longos anos confinada na prisão doméstica, parece agora menos inteligente do que ela; e o sexo que se chamava belo e fraco, está mais belo que nunca, mas deixou para sempre de ser fraco.

A **ECONOMIA**—A vida encareceu por toda a parte e a tal ponto, que o trabalho de um homem chega difficilmente para fundar e manter um lar do tipo antigo. Daquí resulta, por um lado, que os mancebos só possam casar-se cada vez mais tarde, o que contribui para desenvolver a prostituição, o adultério, o amor livre, fazendo aumentar por outro lado, e enormemente, o número das mãis solteiras, ou das raparigas que, não encontrando marido, procuram occupação no comércio, na indústria, no magistério, em todas as carreiras que dantes eram confiadas só aos homens. Assim obtêm as mulheres, ao mesmo tempo, o sustento e a liberdade moral. Tudo, na nossa sociedade moderna hiper-activa, concorre para destruir as bases seculares do casamento, conduzindo à libertação da mulher, à sua igualdade perante o homem, à infecundidade conjugal...

O **DIREITO**—Assim se explicam certos factos naturalíssimos, que estão horrorizando a Tradição. Nos Estados Unidos, onde a liberdade feminina tem attingido o máximo, um homem conspícuo, o juiz Lindsey, propõe a instituição legal do «casamento provisório»; e na Roménia, porque o governo quis pôr termo às accumulações de officios públicos, foi decretado que, nos casos em que marido e mulher exercessem funções officiais remuneradas, um dos dois cônjuges fôsse demittido dentro de certo prazo. A resposta dos factos não se fez esperar: 2.800 divórcios requeridos em pouco mais de uma semana, isto é, o amor livre protegido indirectamente pelo próprio Estado...

A **PSICOLOGIA SOCIAL**—Não é só que as modernas condições económicas caminham para a absoluta igualdade dos sexos. O casamento deixou de ter a antiga fixidez, porque a análise humana deslanchou as peias religiosas de outrora e, discutindo tudo, pondo em dúvida as velhas matérias de fé, ataca de frente os alicerces da sociedade antiga, um dos quais era a Família. O eixo desta, que era a perpetuidade e sacrossantidade do matrimónio, quebrou-se aos golpes do novo espirito, já consagrado pelo Direito. Já hoje os filhos naturais deixaram de ser párias, como eram de antes; e dentro em pouco os tribunais hão de defender também os direitos humanos e naturais dos próprios filhos adulterinos, que não têm culpa das condições em que nascem.

As conseqüências jurídicas do adultério, no Direito tradicional, são a sobrevivência do antigo direito de propriedade do marido sobre a mulher, e tal direito,



MÃIZINHA, EU MORRO...

ninguém já o admite hoje em dia.

O **REVOLUCIONÁRIO**—Hoje em dia deixaram de ter razão de ser as fulminações, aliás hipócritas, do adultério. O nosso tempo reivindicou e proclamou a liberdade de pensamento, e usa e abusa dela. Com que direito recusa ao sentimento as regalias que concede à função



O DEMÓNIO RISONHO

paralela? Porque é que a função de sentir há-de ser menos livre que a função de pensar? Se temos o direito de pensar como quisermos, porque não te-

remos o de amar quem quisermos? O homem deve ser mais responsável dos seus pensamentos do que dos seus sentimentos, porque, podendo dominar aqueles, é quasi sempre dominado por estes. A liberdade de pensamento, sem a liberdade de sentimento é justiça incompleta e progresso irrisório.

A **RELIGIÃO**—Justiça!... Progresso!... Confusão e anarquia são os nomes verdadeiros dessas quimeras. O orgulho do homem destrói o homem. O selvagem do Pacífico sente-se ofendido, quando o hóspede de qualidade se recusa a partilhar do seu tálamo. É ao progresso e à justiça do selvagem papua que se pretende elevar o Europeu e o Cristiano?...

A **TRADIÇÃO**—Os séculos sabem mais do que os homens, e os homens criticam e desdenham, do alto da sua pobre vaidade, o saber provado dos séculos. Por isso as sociedades humanas agonizam e morrem, sob os signos altivos da

Análise, da Ciência e da Crítica. A Crítica é sábia, mas ignora que o homem imperfeito não pode fazer obra social perfeita. A Crítica é cega, e não vê que os remédios tentados para curar certos males trazem consigo, afinal, outros males mais graves.

O **REVOLUCIONÁRIO**—Nada disso impedirá, oh fantasmas, oh defuntos, que o mundo se vá reconstituindo em bases sólidas, racionais, progressivas e justas!

A **TRADIÇÃO**—Que resta então aos que discordam e não julgam habitável a vossa construção sublime?

O **REVOLUCIONÁRIO**—Submeterem-se e calarem-se, ou morrerem, para ir sendo substituídos...

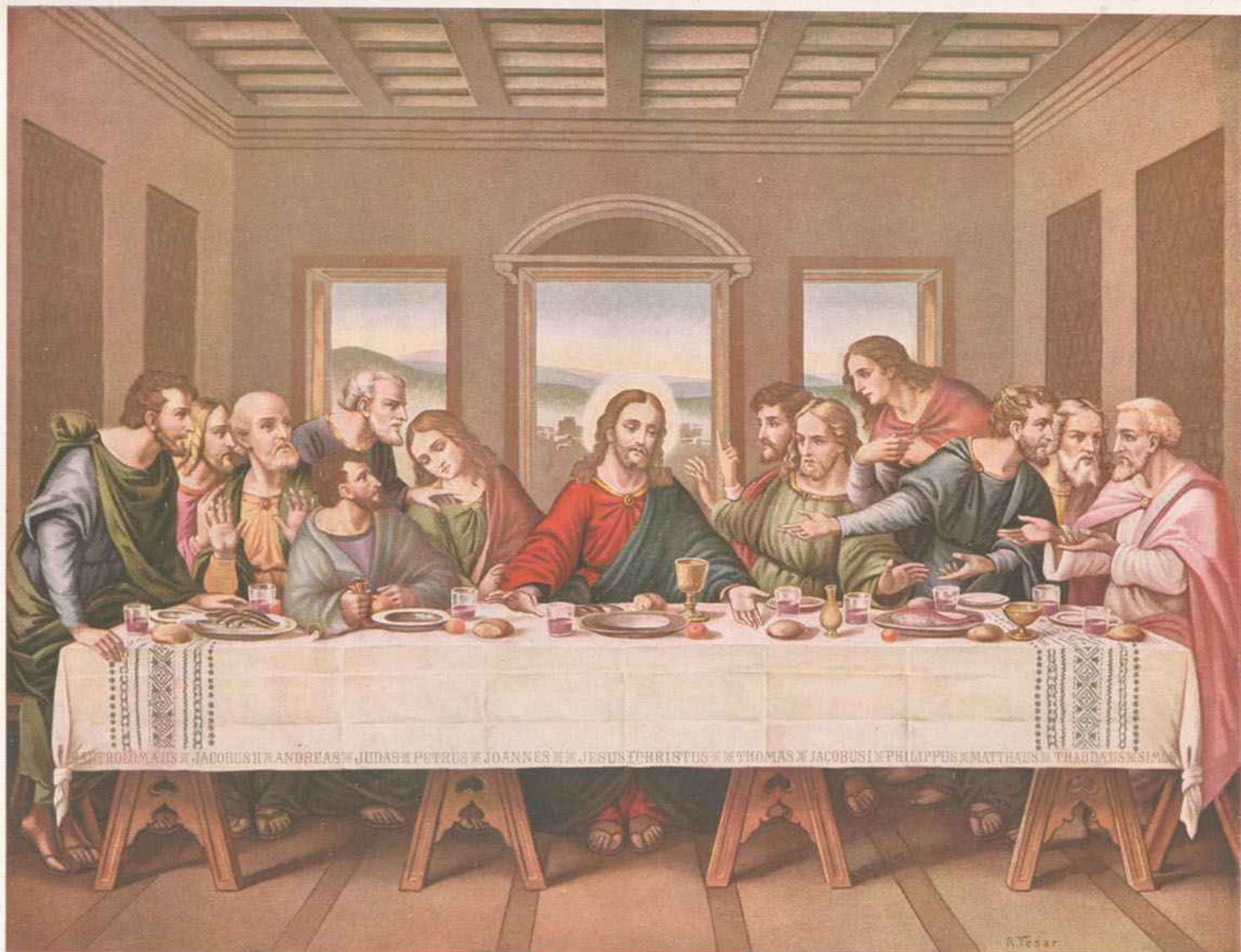
A **MULHER MODERNA**—Serei livre, enfim! Serei livre, para viver livremente a minha vida!

A **VOZ DOS BERÇOS**—Mãizinha, eu morro!...

O **GÉNIO DA ESPÉCIE**—Eu vos vingarei, meninos, enquanto os loucos se destroem. Eu recomeçarei tudo o que acaba, para me salvar a mim própria.

UM **DEMÓNIO RISONHO**—Baralhar, e tornar a dar...





A CEIA DE CRISTO

# A ARANHA DOMÉSTICA

Uma surpresa de noivos — O fabrico da teia — Trabalhos de paciência inimitável — As peripécias de uma caçada Golpe certo — Embuste e perfídia sem iguais

**T**INHAM-SE casado há pouco, Armando e Esmeralda, êle, numa felicidade serena de posse ambicionada há muito, ella, romântica e sonhadora, supondo que o Universo inteiro sorria do seu triunfo.

Tomados dum egoismo forte, intransigente, o de viverem para si sós, como se o mundo não existisse além das fronteiras impostas à sua recíproca inclinação amorosa, instalaram-se numa casa de campo, sem mais criados, sem mais família, sem outros seres que pudessem constituir um estorvo às suas íntimas manifestações de pensamento e de carinho.

Na terceira noite que passaram na sua residência de noivado produziu-se um acontecimento, simples na aparência, que deveria por muito tempo excitar a curiosidade de Armando, espírito científico muito dado a verificar todos os fenómenos que se apresentavam ao seu exame visual.

Estavam já deitados, luz acesa ainda, Esmeralda architectando os seus projectos do destino da prôle que surgindo fôsse, descobrindo e distribuindo aptidões a varões e fêmeas, quando Armando, os olhos fixos no tecto, descobriu, num dos cantos do quarto, uma aranha negra.

— Olha uma aranha! — disse êle.

Esmeralda olhou na direcção apontada. E, como tinha pelas aranhas uma regunância invencível, mostrou-se inquieta e pediu insistentemente a Armando que a matasse.

— Deixa-a lá! — disse êle com indiferença.

E continuou a fitar a aranha que permanecia impassível perante aquella ameaça de extermínio.

Então Esmeralda, bem certa de que não poderia suportar a participação daquella intrusa na alcova, tomou uma resolução corajosa: foi munir-se duma vassoura de cabo, trepou para uma cadeira e dispunha-se a iniciar o ataque.

— Olha! Prepara-se para fazer a teia — interrompeu Armando. Ê curioso ver.

E como Esmeralda não desistisse do seu intento, acrescentou:

— Todos os seres, como nós outros, se esforcem pela perpetuação da espécie.

Esmeralda, desarmada por esta intimativa de acatamento ao direito à existência, aquietou-se e recoupo o seu lugar no leito.

Puseram-se os dois a observar com a mais viva atenção.

E, daí a pouco, o bisonho insecto, como um exímio acrobata, deixou-se pendur do tecto por arame invisível e foi tocar uma das paredes. Isto feito, num movimento de pêndulo, alcançou a outra parede e appareceu o primeiro fio transversal, fechando um triângulo com os dois lados do canto. Depois, fixando-se no fio, já reforçado, começou a distender outros fios, para aqui, para além, um pouco desordenadamente, como se o seu trabalho não obedecesse a quaisquer regras.

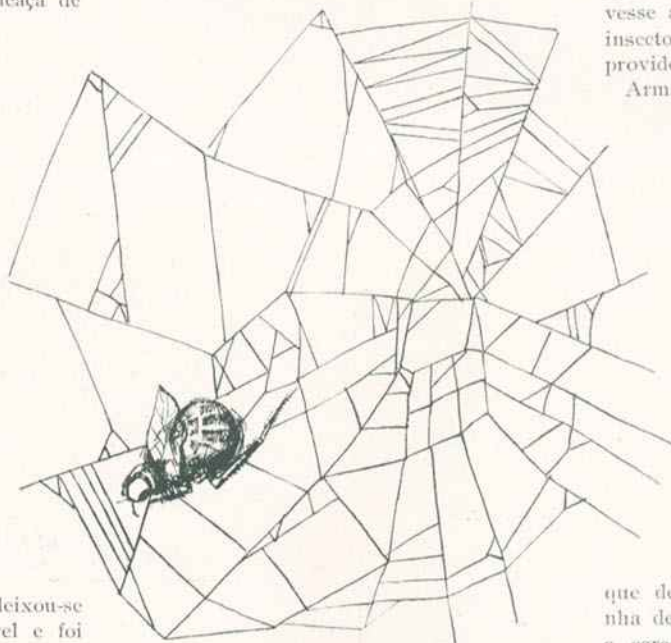
Armando acabou por adormecer, deixando a aranha entregue ao seu labor infatigável. Nas noites seguintes o edificio foi surgindo.

Viam-se já traçadas diversas paralelas e perpendiculares, depois ainda, a aranha traçou sobre estas, outras linhas oblíquas, desenhando um sem número de losangos e de quadriláteros sobrepostos. E o trabalho prosseguia tôdas as noites por novas sobreposições de fios.

A teia do solitário aracnídio estava agora concluida, artistica rede dum trabalho de paciência inimitável. E Armando não a largava de vista, esperando ver, até às últimas minúcias, que proveito tirava do seu engenhoso trabalho o laborioso architecto.

Primeiro pormenor: o aracnídio não se alojara na teia. Subira para o tecto, instalando-se precisamente ao canto. Mas mantinha o contacto com a teia por meio dum fio, sobre o qual pousava uma das patas. E ficara-se ali, numa quietude inalterável, numa estabilidade cadavérica, a esperar pacientemente.

E tudo lá respirava doçura e tranquillidade. Para os insectos alados, em fadigas de constantes volições pelo espaço, a artistica rede



UMA CAÇADA MOVIMENTADA

era como uma mansão deliciosa a convidar ao repouso, à meditação.

Estava-se no estio e o sol caía a pino escaldando a terra. Armando foi à janela e abriu-a de par em par. Não teve que esperar muito

tempo para que sentisse entrar uma véspeira, cujo zumbido veio pôr uma nota de bulício na morna quietação do aposento. Cortou o espaço em diagonal, depois, passou ao longo das paredes, roçando-as, e, finalmente, ao deparar com a teia, pousou nela, com ar satisfeito, ao que parecia.

Logo se sentiu presa nas patas e o pequeno alado fez um esforço, a sacudi-las. Então foi pior. Agora eram as asas que lhe ficavam na teia. Que diabólico sortilégio! A cada esforço tentado para libertar-se, o desprevenido himenóptero sentia tolher-se-lhe um novo órgão!

O estremecimento da teia, como sineta de alarme, por intermédio do fio telefónico que tivera o cuidado

de montar, preveniu o cínico aracnídio de que a sua cilada sortira o desejado efeito. Então, súbitamente desperto, desceu do tecto, pelo fio, com notável celeridade, caminhou na teia a largas passadas e, atacando de frente, como quem conhece bem de que espécie de armas dispõe o adversário, tocou rapidamente a nuca da véspeira prisioneira, que logo deixou a escabujar.

O golpe fôra certo. E aqui se patenteava aos olhos de Armando a ciência anatómica da aranha, que feria sem erro no sítio próprio, num só golpe, de modo a paralisar ao adversário os movimentos, a imobilizar-lhe todo o sistema nervoso. E, logo de seguida, a aranha procedia a outra operação. Prestamente, com as patas posteriores, que são também as que lhe servem para o fabrico da teia, começou de enlaçar com fios, fazendo-o voltar-se sobre si mesmo como se estivesse amarrado a um tamborete, o incauto insecto que tomara a sua pérfida ratoeira por providencial recolhimento.

Armando concluiu, muito naturalmente, que se a aranha tomava a precaução de amarrar sólidamente o prisioneiro era porque este estava vivo e poderia voltar a reagir, passada a síncope que lhe produzira o golpe na nuca, e é que, ao certo, à aranha mais agradava sugar viva do que morta a sua presa.

Imobilizada a vítima, o bisonho carniceiro contacteava por ella o seu corpo asqueroso, como se lhe não bastara matar, mas matar ainda num gesto de perversão sexual monstruoso, de sãdismo revoltante. E só depois, tranquillamente, lhe sugava o sangue até ao último átomo.

Enfim. Passada a languidez a que dera motivo a orgia macabra, a aranha desatou o esqueleto e lançou no vácuo a carcassa esvasiada da vítima, não fôsse a sua presença ali denunciar ao mundo dos pequenos alados que aquele palácio aéreo, de concepção e tessitura maravilhosas, era túmulo que não alcôva de noivado!

— Que perfídia! Que traição! — monologava Armando.

A. Morais

Precocidade Artística

Causou um sucesso que não conhece precedentes, a primeira audição no teatro de Opera de Dresde, da obra sinfônica *O nonagesimo psalmo*, e ainda mais particularmente impressionou o facto de o seu autor, o



jovem Gottfried Müller contar somente dezasete anos de idade. A critica, unânime em exaltar o enorme valor da obra, salienta o facto do seu autor ser dotado de um temperamento artístico raro, porque na partitura conseguiu pôr todas as características marcantes de um grande génio musical, sem hesitações, sem deslizes, sem a precipitação tão natural da parte de quem se estreia em qualquer arte.

Sinais dos tempos

Entre empregados comerciais :  
— É isto que te digo : a nossa vida que é senão estenografia!  
— Não entendo...  
— Homem! Nada mais senão *diminutivos*...

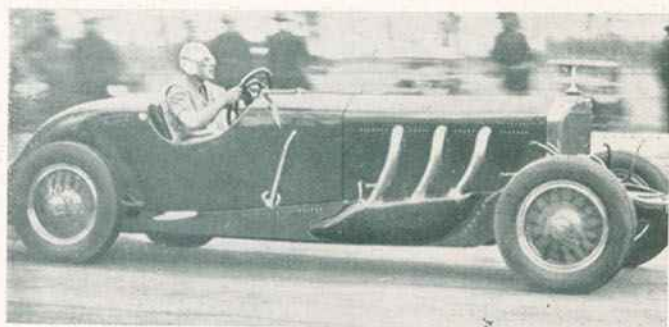
(Do Punch)

Em Londres

Miss Tessa Dean, que numa comédia representada no Ambassador devia incarnar a personagem de uma empregada de bar, praticou durante quinze dias essa profissão para, no pal-



co, conseguir dar verdadeiro colorido e o máximo de verdade ao seu papel. Aparece-nos ela na gravura acompanhada do autor da peça e do compositor da música da *The Water Gypsies*.



Combates de elefantes



Em Espanha e em Portugal, há as corridas de touros; em França, as corridas de cavalos; em Inglaterra, os combates de galos; no Egipto, as corridas de camelos... na India, os combates de elefantes. A nossa gravura representa uma fase da luta entre dois desses paquidermes na arena especial dos palácios do Marajá de Udaipur. Uma enorme multidão assiste a estes combates para os quais os elefantes são de antemão preparados e treinados devidamente. O Marajá de Udaipur é possuidor de avultado número desses animais, vangloriando-se dos inúmeros trofeus por eles ganhos em todos os torneios da espécie.

Marechal Pilsudski

Passou, a quinzena última, mais um aniversário natalício do célebre marechal Pilsudski, ditador Polaco que, por essa razão, recebeu no Egipto, onde se encontrava a repousar, inúmeras



manifestações de apreço e muitas centenas de telegramas de saudações.

«Record» da velocidade em automóvel

Nas corridas realizadas há uma semana em Hexton, Inglaterra, bateu o record da velocidade o célebre desportista V. Rotschild, que no seu *Mercedez* atingiu uma velocidade de noventa milhas por hora e uma média horária de sessenta e cinco milhas. Quasi que ao fim da corrida esteve iminente uma colisão entre o carro de Rotschild e o de outro corredor.

Um processo curioso

Certo empresário parisiense contratara para uma revista um grupo de *girls* alemãs. Qual, porém, não foi o seu espanto ao reconhecer que o grupo dessas oito bailarinas era constituído por raparigas que nada tinham

**PELO MUNDO FÓRA**

industriais mais poderosos do mundo.



de bonito. Resolveu por isso dispensar os seus serviços alegando que às contractadas faltavam os necessários predicados para o muito em voga *sex appeal*... Constituiu-se um tribunal especial para julgar um caso tão importante, e este, constituído por artistas de todas as classes, acabou por julgar as oito alemãs feias de cara, sim, mas impecáveis em elegância, razão porque achou improcedente a queixa apresentada pelo empresário. As alemãs estrearam-se na revista e o sucesso da bilheteira, após este pequeno escândalo jurídico, foi bastante apreciável para o exigente empresário, que não podemos deixar de classificar de bastante esperto.

Uma questão de... pêso



O MOÇO ENCARGADO DA LIMPEZA DO CIRCO, PARA O «CÉLEBRE» ATLETA :  
— É O QUE AINDA LHE QUERIA DIZER : ISTO VEM A ACABAR MAL UM DIA! VOCÊ PRESUME DIANTE DO PÚBLICO... MAS O VERDADEIRO ATLETA SOU EU! PARA OUTRA VEZ ARDUME OS SEUS PESOS SÓZINHO, OUVIU!!

No Extremo Oriente

A acção da Cruz Vermelha Chinesa durante as sangrentas batalhas travadas no redor de Xangai, foi deveras notável, muito humanitária, em particular, havendo sido a sua obra de assistência aos fugitivos e às populações das aldeias devastadas.



das. A nossa gravura mostra uma distribuição de comida aos fugitivos de Chinchow, durante a sua penosa fuga para Tientsin.



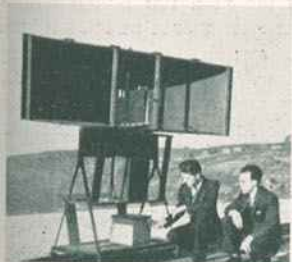
O Rei dos fósforos

Ivan Kreuger, que passava por ser o solteirão mais rico do Universo, pôs termo à vida. Começara a sua existência pobremente, findou-a à testa da Confederação das Fábricas de Fósforos da Suécia, como fornecedor de palitos fosfóricos a dezoito estados diferentes. Últimamente dedicara-se, também, a negócios vários e passava por um dos

# PELO MUNDO FÓRA

A eterna aspiração humana

COMUNICAR com o planeta Marte, tem sido o desideratum de gerações consecutivas. Na nossa gravura vê-se um novo aparelho de espelhos parabólicos, com o qual dois engenheiros americanos pretendem poder projectar um novo raio luminoso tão intenso que do planeta Marte, os habitantes daquela região o possam ver, e, se souberem o alfabeto Morse, receber as saudações que, desde a Terra, se lhes en-



viam. Resta saber se em Marte há homens e se esses homens entendem a linguagem destes simples mortais pelo processo traço, ponto...

Modernos Robinsões Crusoés

NUMA das ilhas do arquipélago dos Galapagos, vive desde 1917, em companhia de sua esposa, o médico alemão dr. Ritter. Ambos levam vida primitiva longe de tudo quanto seja civilizado, dedicando-se o médico a estudar a flora e a fauna do arquipélago, e afirmando ambos que não pode haver, seja onde for, uma existência tão agradável como na ilha da Floreana, longe do grande maquinismo do progresso actual.

A interessante descrição da



vida do dr. Ritter na Floreana será publicada no próximo número do Magazine Bertrand.

Experimentando...

A filha do muito popular industrial de bolachas Huntley Palmer, de Inglaterra, Miss Gladys Palmer, é uma senhora dotada de um temperamento irrequieto e curioso.

Ardendo no desejo de conhecer a fundo todas as religiões do



universo para adoptar finalmente a que mais se adaptasse ao seu carácter, Miss Palmer experimentou todas. A última, a do Islam, foi-lhe professada de uma maneira original: a bordo de um avião pelo rabino Sheldrake. O número de diferentes seitas religiosas a que Miss Palmer tem pertencido eleva-se, ao que consta, a dezoito.

Pelo Mundo da Música

EUGEN D'ALBERT, cujo retrato publicamos, trabalha actualmente em Riga, onde espera po-



der terminar a sua nova opera intitulada *Mr. Wu*, a que está destinado, pelas suas próprias declarações, um grande successo.

—O célebre côro russo dos Cossacos do Don, está actuando em Berlim onde, após uma larga ausência, foi recebido triunfalmente.

Propaganda...

QUANDO o tenor Gigli se preparava para cantar num concerto numa pequena aldeia da América, procurou-o um homem que quis saber:

—É verdade cantar hoje «O Ferreiro» de Brahms?

—É, sim.  
—Então, muito lhe agradeia se, por entre as coplas, desse a saber ao público que o ferreiro da terra, que sou eu, também se encarrega de concertar motocicletes...

O café no Brasil

POR efeito da super-produção do café no Brasil, resolveu-se, ultimamente, queimá-lo como combustível nas locomotivas,



julgando-se esta aplicação mais rendosa — na própria opinião de um jornal brasileiro — do que afundar-se o café no mar como até lá pouco acontecia. A nossa gravura representa o pessoal de uma das locomotivas na faina de encher a fornalha de café...

Pelo Mundo do Teatro

GERDA Meller alcançou um retumbante êxito no principal papel feminino da comédia *Intimidade*, estreada a semana passada em Praga e considerada a melhor peça da época teatral na Tcheco-Slováquia.



—Em Paris estreou-se, com êxito, a nova comédia de Alfred Savoir: *La Pâtisserie du Village*.

—O successo da época, em Londres, foi constituído pela opereta *Helen* que se conserva ainda em cena.

George K. Eastman

Ao número dos mortos notáveis da quinzena pertence o grande industrial e director da Kodak, George K. Eastman. Como empregado bancário muito devotado à fotografia, durante as horas vagas, descobriu o filme

fotográfico e simplificou muitíssimo a fotografia para amadores. Eastman, que resolveu pôr termo à vida para acabar com um sofrimento físico que o fazia sofrer há muitos anos, morreu com 78 anos, exactamente quarenta



horas depois de Ivan Kreuger, o rei dos fósforos, pode dizer-se, lhe haver dado o trágico exemplo.

Para a Aviação

No aeroporto de Long Beach, nos Estados Unidos, montou-se este novo sinal, à noite



luminoso, que serve para indicar a direcção do vento aos aviadores.

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



A DONA DA CASA — ENTÃO A MENINA ATREVE-SE A BEIJAR O MEU MARIDO?  
A ENFERMEIRA — DESCULPE, MINHA SENHORA, MAS O MÉDICO RECOMENDOU-ME QUE FIZESSE TUDO PARA LEVANTAR O MORAL DO DOENTE...

[Do Humorist]



# Soliloquios e Comentários



**M**ESTRE Carlos Reis não é só o genial artista que todos admiramos. É também um fino prosador, um humorista que teria o seu nome feito na literatura se em lugar de nos legar esplêndidas telas nos deixasse páginas de prosa. É curioso, recolho de um minúsculo álbum, onde ele escreveu para uma filha sua:

«Casa a tua inteligência com o teu coração. Se só tiveres inteligência nem tu nem os que te cercam sentirão grande felicidade; mas se possuíres maior coração que inteligência os teus e tu serão felizes.

Se tens tanta inteligência como coração e se ambos forem superiores, tu e os teus gostarão a felicidade suprema deste mundo.

Se tal coisa é possível... neste mundo.»

Escrito em 1920 teve a sua última parte, o seu derradeiro comentário em 1932, doze anos depois.

**D**IZIA um insomne: — E é que já não consigo dormir sem *Adalina*, (nome de um remédio eficaz para a insónia)

Um velhote do lado, para outro: — Não é uma que viveu muito tempo com o Lopes?

**L**ANTARA, originalíssimo pintor e refinadíssimo bêbado, agoniza. O padre que lhe dá os últimos sacramentos diz-lhe em guiza de consolação:

— Meu filho, console-se porque lá no céu, vai ver bem de frente por toda a eternidade a Deus, nosso Senhor.

— Que diz, meu padre, que diz? — atalhou o moribundo. Sempre de frente, sempre de frente?! Então não poderei vê-lo uma vez ou outra de perfil?

**D**IZ o nosso D. Francisco Manuel: «Tempo, amor e dinheiro não se podem gastar, salvo com quem muito o meça.»

Foi em 1600. Até hoje quasi ninguém o ouviu.

**H**Á um provérbio português que uns dizem: Quem não mente não é filho de boa gente e outros quem não mente não vem de boa gente. Não se percebe muito bem como pudesse ser mas Martins Afonso de Miranda explica nos *Tempos de Agora* que o «proverbio he, quem não mente não vende boa gente, por onde só o mentiroso trahe, entrega, & vende boa gente & não he vir de boa, ou má gente.» A quem interesse.

**S**E Hídemburgo morre e Hitler chega o que será a Alemanha? É possível que continue a ser o que é e que Hitler não seja afinal nada do que se teme.

**O** padre Manuel Godinho, na sua *Relação do novo caminho para a India*, pergunta: Em que língua se hão de V. V. S. S. de explicar? E responde: Na portuguesa que é a mais universal. Bons tempos em que por terra e por mar ela corria o mundo. Ainda não havia quem a escrevesse em bundo.

**F**REI Luiz de Sousa assevera «que ordinariamente os que se queixam no mundo de falta de tempo, he porque o



não emprégão todo tão bem como devem».

Absolutamente certo, posso eu asseverar.

**O** filho de Lindbergh continua incógnito. Não aparece por esforços, não aparece por dinheiro, não aparece por maneira nenhuma. E como não aparece, os pais pensam muito a sério em mandar vir outro de França.

**T**ODO o sangue é vermelho, diz o ditado. É. Mas há uns tolos que passam o tempo na Biblioteca Nacional agarrados a velhos cartapázios à espera que ele se lhes torne azul.

**D**IZ-SE que uma mentira descobre outra. É mentira. As vezes encobre.

E quando se descobre já não é uma é um rosário.

**D**IZEM que a vida é triste. Talvez. Mas é culpa de quem a vive. Pois não tem cada um o destino que merece?

**O**s livros escolares vão ser recheiados com belas citações. A algumas não resistimos a transcrevê-las. Por exemplo:

«Uma criança será um bom operário, se fizer o que quiser com as suas mãos.»

F. JARDRY

«Se tu soubesses o que custa mandar, gostarias mais de obedecer toda a vida.»

«O verdadeiro patriotismo consiste não no amor do solo, mas no amor do passado, no respeito pelas gerações que nos precederam.»

FUSTEL DE COULANGES.

«Esta coisa de trincar trechos para lhes extrair períodos, dá às vezes resultados do diabo. Assim o estudante fica sabendo que se uma criança atirar pedras é um bom operário, que nunca deve aspirar a mandar porque custa muito. Deve procurar ser sempre subalterno e que não deve amar a sua terra, mas o senhor D. João VI, mais a D. Carlota Joaquina.»

«Arte e civilização são duas palavras que apresentam uma incontestável afinidade. Se a arte pode dispensar a civilização, não nos parece que a civilização possa dispensar a arte.»

GEORGE RIVIÈRE.

E não querem que os garotos de amanhã saiam brutos como carroças a perder tempo a decifrar estas charadas. Há, há a fazer qualquer coisa no sentido que se pretende mas não é o que se fez. Depois não se deveria sortir aquele cartucho de máximas, que não realiza um corpo de doutrina, nem de pessoas vivas nem de gente estrangeira. Mortos e nossos há que farte e para tudo.

**S**ER bom é às vezes mau. Porque os maus tomam a bondade por fraqueza de espírito quando não é mais do que fraqueza de coração. É que culpa tem o coração de ser assim?

Albino Forjaz de Sampaio.



Concurso Fotográfico entre Amadores organizado pela "Ilustração"



088 — À JANELA DO CAMINHO DE FERRO — DA MONTANHA BEX-VILLARS — (Foto do sr. A. S. Lima — Lisboa)



091 — UM BOM DACTILOGRAFO... — (Foto do sr. António Rodrigues Ferreira — Caldas da Rainha)



089 — PRIMEIROS PASSOS — BREYVE (SUIÇA) — (Foto do sr. A. S. Lima — Lisboa)



092 — VID'ARADA — (Foto da sr.ª D. Maria Noémí Rodrigues de Araújo — Funchal)



090 — QUEDA ABRATOSA — ST. CATHERINE (LAUSANNE) — (Foto do sr. A. S. Lima — Lisboa)



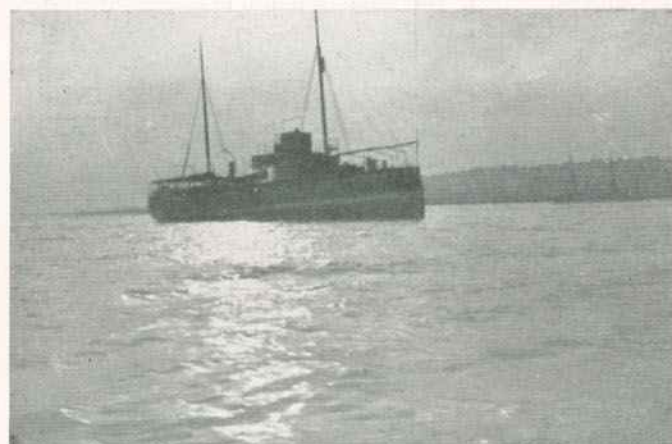
093 — FONTE RÚSTICA — (Foto da sr.ª D. Maria Noémí Rodrigues de Araújo — Funchal)



094 — PESCADORES METENDO A BÊDE NO BARCO — (Foto do sr. Álvaro Laborinho — Nazaré)



098 — FOZ DO SADO — (Foto do sr. Vitor M. Gallo — Marihuã Grande)



095 — AO CAÍR DA TARDE — (Foto do sr. Urbano de Oliveira — Lisboa)



099 — BARCO DAS CHANEGAS — (Foto do sr. Álvaro Laborinho — Nazaré)



096 — MARGENS DO RIO — (Foto do sr. José O'Neill — Lisboa)



100 — DOIS AMIGOS — (Foto do sr. A. de A. — Lisboa)



097 — BARCOS PREPARANDO-SE PARA A PESCA — (Foto do sr. Álvaro Laborinho — Nazaré)



101 — VENDA DE PEIXE — (Foto do sr. Álvaro Laborinho — Nazaré)



102 — VILLARS (SUÍÇA) — (Foto do sr. A. S. Lima — Lisboa)



103 — VILLARS (SUÍÇA) — (Foto do sr. A. S. Lima — Lisboa)



104 — LA DENT DU MIDI — VILLARS (SUÍÇA) — (Foto do sr. A. S. Lima — Lisboa)



105 — UM AZEITE BANIDO AOS PÉS, NA RIBEIRA DA LAÇE (OETRAS) — (Foto da sr.ª D. Natália de Magalhães — Lisboa)



106 — MEDINDO FÔRÇAS... — (Foto da sr.ª D. Maria Noémí Rodrigues de Araújo — Funchal)



107 — PATINHOIR DO KULM — ST. MORITZ (SUÍÇA) — (Foto do sr. A. S. Lima — Lisboa)



108 — ENTRE BEX E VILLARS (SUÍÇA) — Foto do sr. A. S. Lima — Lisboa)

**AOS CONCORRENTES**

O prazo para a entrega das fotografias termina no dia 30 de Abril.

Não nos é possível manter correspondência com os concorrentes, como seja acusar a recepção de provas fotográficas, responder a perguntas que as bases do concurso explicam, dizer a data da publicação das fotografias, etc.

Devido à grande aglomeração de provas que temos em nosso poder, e que foram recebidas durante o mês de Março, é natural que a sua inserção demore algum tempo.

As provas, mesmo não publicadas, não se devolvem.



# A C T U A L I D A D E S



**E**PECTUARAM-SE há dias as provas hípi-  
cas eliminatórias para a selecção da  
*equipe* nacional que há de represen-  
tar Portugal nos próximos concursos hí-  
picos internacionais que se devem realizar  
em Espanha, França e Itália.

A *equipe*, segundo as deliberações do  
júri que presidiu às provas, ficou consti-  
tuída da seguinte forma:

Capitão Ivens Ferraz, com *Marco-Vis-  
conti* e *Lafontaine*.

Tenentes Mêna e Silva, com *Whisky* e  
*Kalifa*; e Sousa Coutinho, marquês do  
Funchal, com *Capucho* e *Altivo*; alferes  
José Beltrão, com *Basquaise* e *Alerta*.

Foram também classificados os tenentes  
Pento da França, com *Bananier*, e Buceta  
Martins, com *Beaulieu*.

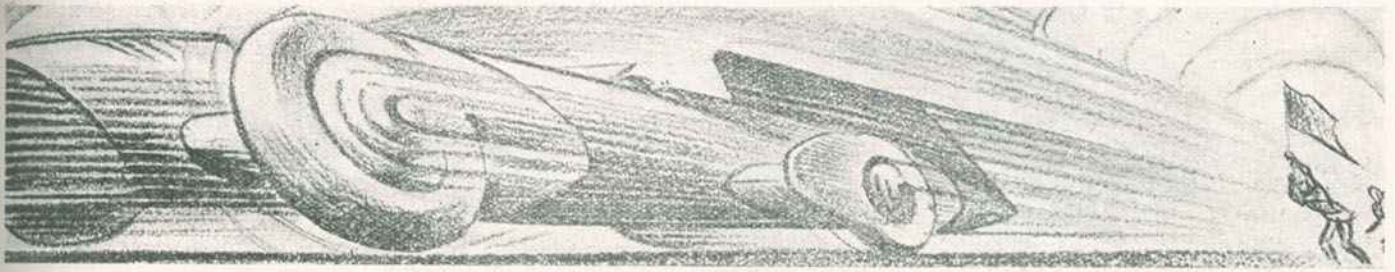


GRUPO DE SENHORAS QUE ASSISTIU AO BAILE, REALIZADO NO SÁBADO DE ALEUTIA, NO GRÊMIO DE TRÊS-OS-MONTES

**A** colónia espanhola prestou, há dias,  
homenagem ao embaixador da nação  
vizinha, o sr. Juan José Rocha, inau-  
gurando na sala nobre do Palácio de Espa-  
nha, o retrato daquele diplomata e ofere-  
cendo-lhe, em seguida, um banquete, a  
que assistiram cerca de 250 pessoas. Abriu  
a série de brindes o sr. Platão Peig, presi-  
dente da Câmara de Comércio Espanhola,  
que fez o elogio do homenageado. Entre  
os convivas foi resolvido enviar telegramas  
de saudação ao actual ministro dos Estran-  
geiros de Espanha e ao sr. Alexandre Ler-  
roux, antigo ministro, e que nomeou o  
sr. Juan Rocha embaixador em Portugal.

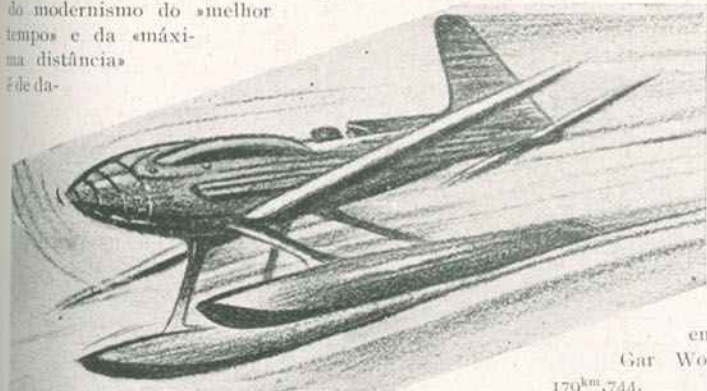
O nosso camarada Cristóvão Aires agrade-  
ceu as referências amáveis a Portugal,  
feitas durante os discursos.

A nossa gravura representa o sr. embaixador com os membros da colónia do seu país, que lhe prestaram homenagem,



O último record de sir Malcolm Campbell, estabelecido há alguns dias na praia de Daytona, na Florida, merece certos comentários sobre a influência que a procura da máxima velocidade tem exercido na moderna mentalidade humana.

A velocidade tornou-se uma espécie de psicose; as lutas contra o tempo e contra o espaço transformaram-se em paixão dos nossos contemporâneos, paixão que é, por assim dizer, a consagração tangível do progresso, nova hidra de Lerna que estende o seu alcance tanto à individualidade-homem como ao maquinismo-perfeição. A origem do modernismo do «melhor tempo» e da «máxima distância» é de da-



ta recente; poderemos determiná-la naquela época de relativa calma que se seguiu à guerra mundial.

Se consultarmos, por exemplo, a tabela dos records automobilistas, encontramos em 1923 Malcolm Campbell realizando 235, km,557 e o mesmo homem alcançando em 1932, 408, km,634.

Se procurarmos os anais da aviação, achá-la-hemos, alguns lustres atrás, em simples estado embrionário. Basta recordar o valor que teve a proeza de Blériot quando atravessou a Mancha. Esta viagem — que é preciso considerar com o desconto dos anos — constituiu o record de distância e duração em aeroplano. Pois apesar de tal feito estar ainda na memória de todos, ninguém se admira sabendo pelos jornais que um



# desportos

## A QUINZENA DESPORTIVA

tenente inglês, de nome Stainforth, atravessara o espaço como uma seta, com a velocidade horária de 657<sup>km</sup>,076.

O terceiro elemento, a água, vai por sua vez ser também dominado. Os numerosos records dos últimos anos elucidam suficientemente: 104<sup>km</sup>,585, em 1917; 149<sup>km</sup>,820 em 1929; 177<sup>km</sup>,449 em 1931, e este ano Gar Wood alcançou já 179<sup>km</sup>,744.

As próprias motocicletas, ainda há alguns anos eram consideradas como uns aparelhos muito mais barulhentos do que eficazes, arrancando das estradas nuvens de poeira, com o orgulho dos seus modestos trinta à hora.

Não

esqueçamos, para concluir, a locomotiva. Festejou-se, há poucos anos, o centenário do «foguetão», a primeira locomotiva de Stevenson e que nas gravuras da época nos é apresentada precedida por um cavaleiro businando, para prevenir da sua passagem; hoje, o expresso Londres - Edimburgo, realiza no trajecto a média formidável de 130<sup>km</sup>,320.

O nosso século é, pode dizer-se, um

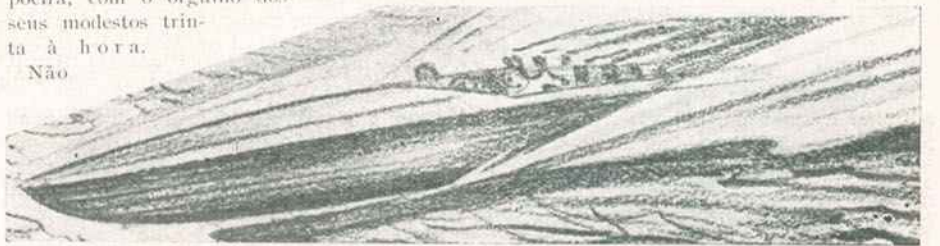
século de iconoclasia, um século que procura destruir a noção de tempo, espaço, peso; é o século da negação do sistema centímetro-grama-segundo. O homem, na senda do progresso, impõe seu génio ao materialismo da natureza vencendo-lhe a inércia em crescente poder de deslocação, chegando cada vez mais longe em cada vez menos tempo.

Infelizmente, quantos heróis, quantos mártires, oferecidos em holocausto à voracidade insaciável do moderno Moloch, o deus Progresso!

O incidente suscitado com a classificação do vencedor do último campeonato mundial de velocidade em bicicleta, volta à actualidade por intermédio do julgamento, em Paris, do processo intentado à União Ciclista Internacional pelo construtor da máquina que montava Michard, o corredor lesado.

Recordemos, em duas palavras, os factos: na prova final, o francês Michard bate na embalagem o dinamarquês Hansen, mas o juiz de chegada anuncia o resultado contrário. Pasmos gerais, indignação do interessado, mas o veredicto do juiz é inalterável e, apesar da quasi certeza de um engano, Hansen foi proclamado campeão do mundo.

A imprensa de toda a Europa discutiu o caso, a seu pretexto se criticaram os regulamentos, publicaram-se fotografias demonstrando a verdade, mas o mal estava feito.



Surgiu então a notícia de que o construtor da bicicleta usada por Michard chamava ao tribunal a U. C. I., pedindo cem mil francos de indemnização, por perdas e danos, pois o erro do juiz lhe lesava a publicidade a que tinha direito. O caso era inédito nos anais do desporto e causou sensação. Após sucessivos adiamentos o processo foi agora a tribunal e os advogados de ambas as partes expuseram sua maneira de ver.

O advogado do construtor processante demonstrou a vitória de Michard, servindo-se de documentos fotográficos, opiniões da imprensa, do público presente, do próprio adversário, dos comissários à corrida; só discordára o juiz de chegada. Interpretou o verdadeiro sentido, segundo seu critério, de alguns artigos do regulamento, e contestou a equidade da lei que confere ao juiz de che-

gada poderes definitivos. Do que se depreende das críticas falou muito e bem, mas o contestador, advogado da U. C. L., parece que em menos palavras usou de um inabalável bom senso.

Afirmou primeiro que o réclamo feito à volta do incidente foi muito maior ainda do que se a vitória fôsse conferida a Michard, o que não surpreenderia ninguém, e concluiu afirmando com razão que o corredor conhecia antecipadamente os regulamentos do campeonato e, inscrevendo-se, tácitamente os aceitava com tôdas as suas contingências.

A decisão do tribunal foi favorável, como se esperava, à tese da U. C. L., que sai airoso do conflito. Efectivamente, qualquer decisão em contrário seria de perniciosas consequências para a indispensável autoridade dos dirigentes, criando um precedente de amargura desportiva, deixando a cada espectador ou concorrente o direito de contestar a verdade de um resultado que discordasse do seu ponto de vista pessoal.



O GRUPO DE «RUGBY» DO SPORTING, CAMPÃO DE LISBOA

nobreza e justiça. Saber perder é a mais difícil, mas a mais concludente prova de uma educação desportiva.

O campeonato regional de cross, seqüência da época de inverno do atletismo, não conseguiu despertar interesse especial, pois foi a repetição das provas anteriores, excepção feita a que Manuel Dias desta vez quis ganhar e bateu os adversários com a nitidez da sua classe.

O cross não conseguiu em Portugal impôr-se pela escassez do número de praticantes.



A FOTOGRAFIA DA CÊSERE CHEGADA DO CAMPEONATO DE VELOCIDADE PELA QUAL SE PROVA A VITÓRIA DE MICHARD, À DIREITA

Dois gravuras que publicámos na crónica anterior elucidam suficientemente; em qualquer país estrangeiro alinham à partida um mínimo de algumas centenas de corredores, enquanto que no campeonato de Lisboa participaram 13 homens de valores heteroclitos e com posições definidas ao fim do primeiro quilómetro.

Este último mês da vida desportiva portuguesa não foi assinalado por acontecimentos sensacionais.

Liquidação do campeonato de rugby com o já sabido e justo triunfo do Sporting, estragado pela atitude incompreensível e anti-desportiva de alguns clubes concorrentes; prosseguimento normal dos torneios de basket e de hockey, continuação da prova oficial de foot-ball caracterizada pela seqüência de resultados inesperados, que demonstram a irregularidade dos grupos em presença, portanto seu valor incerto e deficiente.

A forma como este ano foi organizada a competição não é de molde a excitar o interesse dos amadores do foot-ball; os clubes batem-se por enquanto numa fastidiosa fase preparatória, procurando obter o direito de aspirar à conquista do título regional, figurando na «poule» decisiva. Neste momento o Fósforos, o Casa-Pia e o Chelas teem já tôda a esperança perdida, e Benfica e Luso derimirão entre si o problema grave da seqüência na prova.

Sporting e Benfica voltaram a jogar e, desta vez, venceu o que fôra vencido da primeira e pelo mesmo número de pontos. O encontro foi, como sempre, ardente. Registaram-se, no entanto, da parte de certo público favorável aos vermelhos, um público indesejável e que por certo o próprio clube reprova, excessos condenáveis que são a negação mais absoluta do espírito desportivo.

O desporto é feito das constantes incertezas da luta, do respeito pelo adversário, e da aceitação da derrota em campo com



O ENGENHEIRO CORRÊA LEAL LENDO A SUA CONFERÊNCIA NA ASSOCIAÇÃO DE ATLETISMO

Não houve interesse por ausência de luta, nem pitoresco por falta de grandiosidade.

Afora do desporto praticante, registemos com satisfação a insistente campanha que se define em prol da educação física nacional, manifestada na patriótica insistência de artigos do jornal *Os Sports*, e que teve uma nota dominante na magnífica conferência do dr. Leal de Oliveira sobre a sua viagem à Suécia.

Partindo de tão sólidas bases é-nos lícito esperar que o movimento não ficará empinado pelo caminho, conseguindo levar aos ouvidos dos governantes públicos as justas aspirações da gente desportiva e os brados de alarme dos orientadores da despresada educação física nacional.

Precisamos demonstrar pela evidência que representamos uma força dentro do país, e temos direito a que nos olhem como bons portugueses trabalhando pelo interesse comum da raça, que é tão digna da atenção dos poderes constituídos, como o restabelecimento financeiro da nação.

Pretende-se levar a efeito um congresso de clubes de desporto e educação física para assentar na sùmula dos nossos direitos e nas bases das nossas aspirações; porque não levar depois êsse documento até aos dirigentes do país por intermédio de uma comissão, acompanhada em parada pelo máximo das forças desportivas da capital, abrindo os olhos pela imponência do número, aos que infelizmente nos julgam ainda uns insignificantes maniacos?

A ideia aqui fica pelo que possa valer.

A Associação de Atletismo de Lisboa inaugurou a série de palestras técnicas sobre assuntos da especialidade que resolveu promover, sendo conferente o engenheiro Correia Leal.

A iniciativa é utilíssima e deveria ser seguida por outras entidades dirigentes, pois a massa praticante do desporto português é, regra geral, de uma ignorância lamentável em leis e preceitos técnicos da sua especialidade.

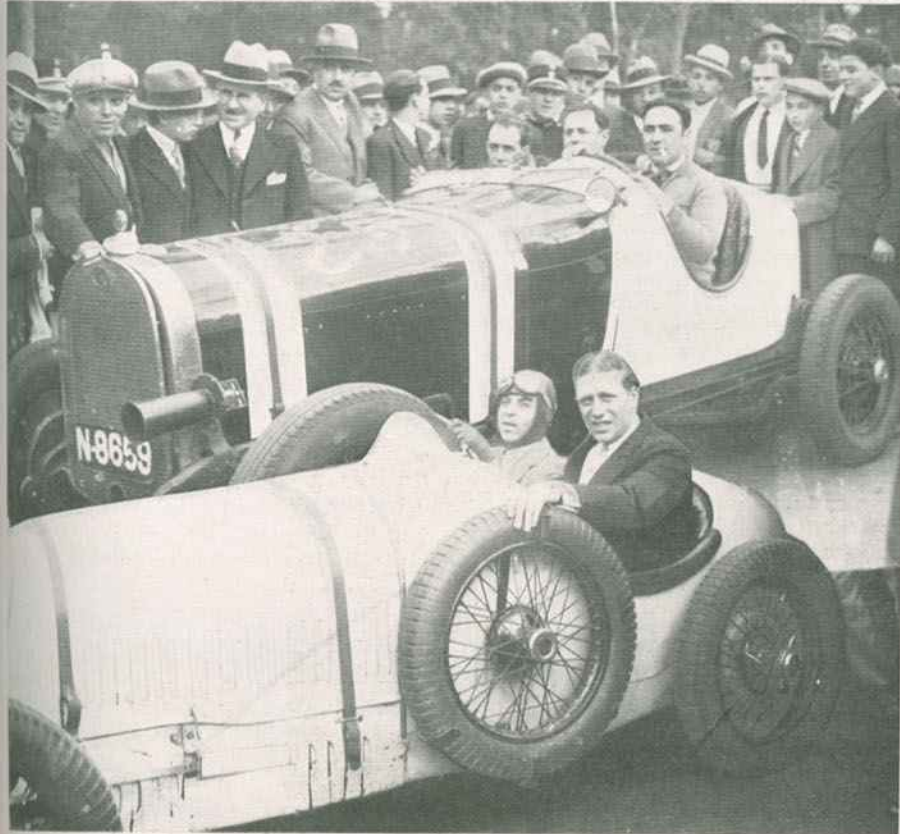
Por isso endereçamos à A. A. L. caloroso aplauso, esperando que não abandone a meio os seus propósitos.

Correia Leal falou-nos sobre lançamentos com a clareza e a profundidade da sua indiscutível competência. O assunto, extremamente complexo, difícil, pouco estudado entre nós, foi realizado pelo orador durante hora e meia com uma minúcia elucidativa, sobretudo no referente ao pêso e ao disco.

Espera-se com interesse a próxima palestra que, parece, será pronunciada pelo engenheiro Nogueira Guedes, sobre assuntos de preparação e selecção olímpica.

Salazar Carreira.

## A U T O M O B I L I S M O



No Campo Grande, com a assistência de alguns milhares de pessoas, efectuaram-se, no domingo de Páscoa, as provas automobilísticas: «IV quilómetro de arranques» e Concurso de Elegância.

O júri da Corrida era composto pelos srs. José Aguiar, Ernesto Zenoglio e Artur Mimoso e o do Concurso pelos srs. dr. Mateus de Oliveira Monteiro, António Guedes Herédia, D. Pedro de Lencastre e Francisco Ribeiro Ferreira.

Os resultados foram os seguintes:

*Categoria «Corrida»* — 1.º, Eduardo Ferreirinha («Ford»), à média horária de 109,265 quilómetros; 2.º, Manuel Nunes dos Santos («Bugatti»), à média de 93,948 km.; 3.º, Abel Pessoa («B. N. C.»), à média de 91,997 km.

*Categoria «Sports»* — 1.º, Jaime Gonçalves («Ford»), à média horária de 85,571 km.; 2.º, dr. Luís Faleiro («Isotta Fraschini»), à média de 85,247 km.; 3.º, José Alves Lopes («Morris»), à média de 83,720 km.

*Concurso de Elegância e Conforto* — Taça Royal Exchange Assurance, sr. José Garcia Rugeroni («Rolls-Royce»).

O produto das entradas — cerca de 15.000 pessoas — reverte a favor da Comissão Central de Assistência e destina-se aos pobres de Lisboa e casas de caridade.

As nossas gravuras representam um aspecto geral da pista do Campo Grande e o primeiro e o terceiro classificados na categoria «Corrida», respectivamente os srs. Eduardo Ferreirinha e Abel Pessoa.

Festas de caridade

BAILE DE SUBSCRIÇÃO

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, realiza-se na noite de 10 do corrente, no salão de chá anexo ao cine Tivoli, um grandioso baile de subscrição, cujo produto se destina a favor de várias obras de beneficência, patrocinadas pela mesma comissão organizadora.

Pelos numerosos convites distribuídos por tudo o que de melhor conta a nossa primeira sociedade, leva-nos a crer que a noite de domingo, 10 do corrente, no salão de chá Tivoli, fique marcada a letras de ouro nos anais mundanos.

CHÁ DANÇANTE

Como era de esperar, revestiu extraordinário brilhantismo o «chá dançante» de caridade, que na tarde de sábado de Aleluia, se realizou no Salão de Festas Álvares Cabral, ao Rato, levado a efeito por uma comissão de gentis senhoras solteiras, pertencentes à nossa primeira sociedade, da qual faziam parte as seguintes: D. Berenice Silva Graça Rugeroni, D. Eugénia Maria de Araújo Perestrelo de Vasconcelos, D. Helena Burnay, D. Heta Herold, D. Isabel do Casal Ribeiro Ulrich, D. Lillimor Wiese, D. Maria Alice Neto Rebêlo Maia, D. Maria Braamcamp Freire (Almeirim), D. Carlota de Lancastre, D. Maria do Carmo Ortigão Burnay de Almeida Belo, D. Maria Cecília Pinto da Fonseca de Sousa Rêgo, D. Helena Barros Lima Salgado, D. Maria Isabel Braamcamp Freire (Almeirim) D. Maria José Barros Lima Salgado, D. Maria José Burnay, D. Maria José Ramos de Castelo Branco, D. Maria de Lima Mayer Ulrich, D. Maria de Lourdes Neto Rebêlo Maia, D. Maria Luísa Burnay, D. Maria Luísa de Melo e Castro Trígoso, D. Maria Luísa de Orey, D. Maria da Luz Diogo da Silva Melo e Faro (Monte Real), D. Mariana da Câmara Pinto Coelho, D. Maria da Nazaré Centeno Gorjão Henriques, D. Maria Rita Correia Henriques (Seisal), D. Maria Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Maria Teresa Burnay, D. Maria Teresa Vecchi Pinto Coelho e D. Teresa Pinheiro de Melo (Arnos), cujo produto se destina a favor do cofre da benemérita instituição Orfanato-Escola Santa Isabel, Além de animada conversação dançou-se, quasi sem interrupção, ao som da exímia orquestra jazz-band privativa do Salão de Festas Álvares Cabral.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano.

# VIDA ELEGANTE



A sr.<sup>a</sup> D. MARIA LUISA DO CASAL RIBEIRO ULRICH E O SR. ANTÓNIO PINHEIRO PINTO BASTO, SAÍNDO DA PAROQUIAL DA AMEIXOIRA, POR GRACIÃO DO SEU CASAMENTO, COMO NOTICIAMOS NO NÚMERO ANTERIOR

## Casamentos

Em Coimbra realizou-se, com grande brilhantismo, na paroquial de S. Bartolomeu, sendo celebrante o capelão da igreja da Rainha Santa, reverendo Martins Abrantes, amigo íntimo da família do noivo, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Emília Seiga Laidley Guedes, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Carolina Seiga Guedes e do sr. António Laidley Guedes, com o sr. José da Silva Eusébio, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Graça Silva Eusébio e do sr. Pedro Maria dos Santos Eusébio. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a tia do noivo, sr.<sup>a</sup> D. Ana de Almeida Eusébio, e de padrinhos, o pai da noiva e o tio do noivo, sr. dr. José de Almeida Eusébio, ilustre ministro da Justiça.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o Estoril, onde vieram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Para seu irmão, o sr. Eugénio de Maga-

lhães Passos, filho da sr.<sup>a</sup> D. Amélia Ferreira Passos e do sr. Heitor Engénio de Magalhães Passos, foi pedida pela sr.<sup>a</sup> D. Maria da Natividade Passos de Lacerda, esposa do sr. dr. Vasco Artur da Torre do Vale de Lacerda, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Cândida de Leite Machado, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Luísa de Carvalho Machado e do sr. dr. Arnaldo Machado.

A cerimónia realizar-se-á por todo o próximo mês de Julho.

— Realizou-se na paroquial igreja de Santos-o-Velho, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Dorinda de Abreu e Silva, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Rosa de Abreu e Silva e do sr. José Silva, com o sr. José Joaquim Martins Ribeiro, filho da sr.<sup>a</sup> D. Laura das Neves Martins Ribeiro e do sr. José Joaquim Ribeiro, já falecido.

Foram madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Alice de Abreu e Silva, irmã da noiva, e D. Inês Temudo Baptista, e padrinhos, os srs. José Júlio dos Santos Segurado e Joaquim Fernandes Baptista.

Findo o acto religioso foi servido, na elegante residência dos noivos, um finíssimo lanche.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Pela sr.<sup>a</sup> D. Maria José de Brito Estanco Machado da Luz, esposa do pintor sr. Machado da Luz, foi pedida em casamento para o sr. Inácio de Assunção, a sr.<sup>a</sup> D. Virgínia do Carmo Tavares, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Júlia do Carmo Tavares e do sr. Manuel Pedro Tavares.

O casamento deverá efectuar-se brevemente.

## Baptizados

Realizou-se na paroquial igreja de Santa Isabel, o baptizado do menino Joaquim, gentil filhinho da sr.<sup>a</sup> D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima e do sr. Joaquim Pinto de Lima.

Foram madrinha, a tia materna, sr.<sup>a</sup> D. Emília de Lacerda da Cunha Pessoa, que se fez representar por sua cunhada, a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Patrocínio Barros Pita da Cunha Pessoa, e padrinho, seu tio paterno, o sr. Agnelo da Cunha Pessoa, cônsul de Portugal em Génova, que se fez representar por seu irmão, o general sr. Pedro Lopes da Cunha Pessoa.

— Sendo celebrante o reverendo prior da Lapa, monsenhor Domingos Nogueira, realizou-se o baptizado do menino João António, interessante filhinho da sr.<sup>a</sup> D. Alice Abranches Félix Correia e do nosso colega do *Diário de Lisboa*, sr. João Félix Correia.

Serviram de madrinha a sr.<sup>a</sup> D. Argentina de Almeida, e de padrinho, o sr. Conde de Monsaraz.

D. Nuno

# Cinema

## Revista das Estreias

As solenidades religiosas, que acabam de ser comemoradas, impõem durante alguns dias ao público, quasi exclusivamente, um género pouco variado de cinema — os filmes religiosos.

É sabido como o drama grandioso da Paixão, cujo valor ideológico é muito superior ao seu valor espectacular, inspirou largamente e durante muitos séculos, inúmeros artistas plásticos. As obras, de que elle foi motor, são, portanto, numerosas e abrangem as mais variadas directrizes artísticas. Mas, a sua influencia no domínio das artes dinâmicas — teatro e cinema — é bastante menos sensível e de consequências artísticas inferiores.

No domínio particular que neste momento nos interessa, ou seja o cinema, pode afirmar-se que a influencia do drama sacro é, sob o ponto de vista artístico, inteiramente nula. De facto, embora nele se tenha inspirado um certo número de películas destinadas a satisfazer as exigências do mercado mundial, nenhuma obra de indiscutível mérito nele buscou tema. Poderíamos abrir talvez uma excepção para *O Rei dos Reis*, a obra célebre de De Mille. Mas, ainda neste filme, a par duma grandiosidade incontestável, duma interpretação correcta e de certos cuidados artísticos, se encontram defeitos que fazem d'ele uma obra desigual, dominada por uma preocupação contrária ao espirito cinegráfico — a da composição pictural.

Está, portanto, ainda por realizar a obra que nos dá, da tragédia sublime do Calvário, uma representação artística superior. E diversos são os motivos d'este facto.

Inicialmente, temos que considerar o carácter, a um tempo humano e divino, da Vida e Paixão de Cristo. Poderia pressupôr-se que, sob este aspecto, as faculdades do cinema na expressão do maravilhoso encontrariam a sua mais elevada applicação. Na realidade, não succede assim em nenhum dos filmes até agora produzidos.

Por outro lado, a composição do filme é, quasi inevitavelmente, influenciada pelas interpretações pictóricas do drama que, através dos tempos, artistas dos mais célebres nos têm dado. Nenhum realizador quis ou soube dar-nos da figura ideal de Jesus uma representação nova, luminosa, em que a fotogenia prevalecesse sobre a tradição. Uns, com De Mille, optaram pela côr, reconhecendo assim, tacitamente, a influencia de quasi vinte séculos de pintura religiosa. Outros buscaram deliberadamente a reprodução de telas famo-

sas, como succede em *Christus*, filme italiano dos mais conhecidos no género.

Existe ainda o aspecto filosófico do problema, cuja importância é inútil acentuar. O realizador encontra-se ante duas soluções — a interpretação ortodoxa e dogmática da Igreja, e a sua interpretação pessoal. As conveniências comerciais colocam-no, sempre, na contingência de seguir a primeira, ainda que

plantado para Hollywood, o incontestável talento do animador de *Novos Senhores e Teresa Raquin* resentiu-se duramente. Isso deve ter surpreendido os que até lá o levaram, confiados nas suas invulgaras faculdades. Mas não surpreende quem conheça as fundas divergências que separam o espirito francês e o espirito yankee, sobretudo nas suas concepções artísticas e, quanto a adaptação é, nestes casos, difficil.

É assim que fomos encontrar uma obra medíocre, como *O espectro verde*, dirigida pelo nome prestigioso de Jacques Feyder. E bastaria o que o argumento d'este filme tem de artificioso para tornar difficil qualquer manifestação do superior talento de Feyder.

*Espectro verde* pretende ser um filme de horror. E consegue-o em grande número das suas passagens. Atinge em muitas delas um poder de emoção notável. Mas é dum género de horror muito à maneira americana — um horror de carácter policial, Nada de Hoffman ou Edgar Poe. O fantástico não é apresentado senão para ser logo, vitoriosamente, esclarecido pela lógica. E tem-se a impressão de que todas estas situações estranhas são criadas, não pelo seu valor emocional, mas apenas pelo alívio que a sua explicação traz ao espirito do espectador.

Entre os restantes filmes estreados, destacaremos os filmes cómicos, representados por duas excellentes produções de longa metragem. Num d'elles Buster Keaton desenvolve o melhor dos seus recursos no seu género tão característico. *Pamplinas em pijama* é um filme que se evoca saborosamente, e cuja recordação apetece manter bem viva na memória pelo prazer que proporciona. Tem cenas dum extraordinário efeito cómico, baseadas afinal, quasi em absoluto, nas admiráveis faculdades de actor do homem que não ri. É, sem dúvida, o seu melhor fonofilm, entre os que já tivemos ocasião de apreciar — *Em frente, marchê!* e *Fabricante de Estrelas*.

Stan Laurel e Oliver Hardy foram os heróis duma outra película cómica de valor. *Laurel e Hardy a ferro*, espirituosa paródia tecida à volta do famoso fonofilm *The Big House*, é o filme em que os populares cómicos reeditam algumas das suas antigas graças e exibem outras bastante curiosas. Tanto umas como outras agradam.

E ainda desta vez, foram os filmes cómicos os que melhor souberam encontrar o caminho para o coração do público.

**Manuel L. Rodrigues.**



MERCÊ DUM «TRU» FOTOGRAFICO, O SORRISO DE CHEVALIER TRIPLICA-SE NO SEU ÚLTIMO FILME «UMA HORA CONTIGO»

com sacrificio da sua liberdade artistica. Está nisto, talvez, o mais forte obstáculo à criação de obras superiores no género.

\* \* \*

Tempo houve em que o nome célebre de Jacques Feyder, como realizador dum filme, era para todos os cinéfilos antecipada certeza duma obra superior, cheia de surpresas e revelações. Já não succede hoje assim. Trans-

Já por diversas vezes temos posto em destaque o lugar que cabe às revistas de actualidade na organização dum bom programa. De facto, essas bobines, em que se condensam sons e imagens de todo o mundo suscitam uma curiosidade crescente e insofismável do público. No seu próprio interesse, nenhum exibidor o deveria esquecer.

Se voltamos hoje a acentuar o lugar preponderante que a estas películas cabe adentro dos moldes dum programa bem organizado, é apenas no intento de chamar atenções para este facto paradoxal e inconveniente — a falta de actualidade das revistas de actualidades.

O leitor, que por intermédio dos grandes diários mantém um contacto estreito com os acontecimentos mundiais, já notou decerto com que atraso o comentário desses acontecimentos é feito nos «écrans». Factos de repercussão mundial, que servem de motivo a grandes reportagens da câmara e do microfone, só meses decorridos chegam a ser exibidos entre nós. E contudo, organizações modelares põem à disposição dos espectadores de todo o mundo o produto das suas reportagens, algumas horas ou poucos dias depois dos acontecimentos terem tido lugar.

Seria fácil enumerar casos sintomáticos do atraso que salientamos, como seria também possível recordar algumas notáveis excepções. Mas na realidade, e duma maneira geral, afigura-se-nos incontestável que as revistas de actualidades estão longe de revestir o carácter de de actualidade que a sua própria natureza lhes impõe.

Ignoramos quais as razões do facto. Mas quer êle seja devido a uma negligência dos exibidores, a demoras burocráticas, a dificuldades advancidas ou à actual organização dos serviços de censura, fazemos votos, no interesse de todos os apreciadores deste género de películas, para que em breve seja encontrada a necessária solução.

— M. R.

Foi apresentado há pouco em Nova York, o filme *Expresso de Xangai*, a mais recente criação de Marlene Dietrich, que, como as anteriores, Sternberg dirigiu tão bem quanto lho consentiu o argumento imposto.

A julgar pelas referências da crítica norte-americana, a interpretação, tanto de Marlene como de Clive Brook, é excelente. Mas a apreciação geral do filme é feita com grandes reservas. De facto, esta película a que se pretendeu imprimir um certo carácter de actualidade, por isso que está relacionada com os recentes acontecimentos de Xangai, baseia-se num argumento convencional, com bandidos chineses, combates e peripécias à boa maneira americana. Toda a acção decorre dentro dum vagão do expresso, que se dirige a Xangai e em que viajam Marlene Dietrich e Clive Brook.

É natural que os moldes impostos a este filme tenham prejudicado o seu alcance artístico. Mas apesar de todos os seus defeitos,

# CINEMA

## NOTA DA QUINZENA

### Actualidades

é de prever que êle não deixará de encontrar um bom acolhimento junto do público ávido de emoções vulgares.

Logo que se encontre terminada a filmagem de *Grande Hotel*, a que noutro lugar nos referimos, Greta Garbo começará interpretando uma nova produção que será baseada numa novela de Pirandello, intitulada *Como tu me desejas*.

É a primeira vez que o nome do grande dramaturgo italiano e da famosa actriz sueca se encontram reunidos na mesma obra. É



STIMMIE, ARTISTA DA PANDILHA, É A VÍTIMA PREFERIDA DO ENLARBADO MACAQUITO

lícito confiar nos bons resultados de tão prometedora associação de autor e intérprete.

Mais um filme de guerra...

Raymond Bernard, o grande animador de *Jogador de xadrez*, apresentou em Paris, em meados do mês que agora termina, o seu filme de guerra que tem o expressivo título de *Cruzes de madeira*.

É mais uma evocação dos horrores da guerra a que a crítica parisiense não poupou elogios.

Este filme devia ser apresentado perante a S. D. N., em Genebra, em *soirée* de gala, quando ocorreu a morte de Briand.

Mesmo descontando os naturais exageros que os críticos franceses cometem sempre que se trata de produções do seu próprio país, parece-nos provável que *Cruzes de madeira* seja de facto um admirável documentário da guerra e um tremendo libelo contra ela.

Nos grandes estudos de Hollywood existe agora uma nova secção e, sem dúvida, das mais complexas — o arquivo de sons.

Encontram-se aí, metódicamente classificados, todos os ruídos imagináveis: partidas de combóios, silvos de vapores, tiros de canhão salvas de palmas, etc. Esta organização permite encontrar em poucos momentos o som que há de ser incorporado em determinada cena que, por ser sido realizada no estúdio, não tem o necessário som.

A obtenção destes sons é, agora, quasi sempre feita do natural. Vai caindo em desuso a reprodução artificial de sons, que durante muito tempo gozou de favor nos estúdios. E prevententes como são, os técnicos desta especialidade vão acumulando uma bizarra colecção de sons que os habilita a fazer face a quasi todas as requisições que possam vir a ser-lhes feitas.

*Grande Hotel*, que realizado há muitos anos em versão silenciosa constituiu um verdadeiro êxito, voltou agora a ser reposto na tela em versão falada, a que está destinado, decerto, um triunfo mais completo ainda.

Na distribuição dos papéis deste novo fonofilm, incluiu a *Metro* quasi todos os seus artistas de primeira plana. Até hoje, nunca a experiência fôra tentada de reunir no mesmo filme tão grande número de *estrélas*, a algumas das quais caberão papéis secundários, como é natural.

Entre este excepcional grupo de intérpretes contam-se: Greta Garbo, Joan Crawford, Lewis Stone, John e Lionel Barrymore, Wallace Beery e outros.

Edmund Goulding dirige esta importante produção, que é aguardada com justificada curiosidade. Para evitar que o seu custo atinja cifras exageradas, todos os actores estão trabalhando noutras produções e só nos seus momentos livres trabalham nesta película. O que não obsta, contudo, a que, segundo informa a secção de estatística da empresa produtora, o custo de cada minuto de laboração do filme se eleve a oitocentos e noventa e um dólares.

O princípio dos desenhos animados acaba de encontrar uma inteligente e extraordinária aplicação ao fonocinema. Investigadores alemães e ingleses tentaram obter a reprodução de sons substituindo a imagem sinuosa, inscrita na margem da película, por uma outra obtida por desenho. Este sistema deixa um vasto campo ao alcance do realizador, pois que lhe permite obter ruídos que nenhum instrumento poderia produzir.

HÁ no cinema uma faculdade maravilhosa de que os realizadores só raramente lançam mão e cujos imensos domínios se encontram, portanto, quasi explorados. É a faculdade de exprimir o irreal, o fantástico, de dar vida às mais estranhas criações da imaginação.

Entre todas as artes, o cinema e a literatura são as que oferecem, como meios de expressão do fantástico, as mais vastas possibilidades. E contudo, o que na literatura é motivo de algumas obras superiores, só inspirou no cinema um reduzido número de filmes em que a capacidade de expressão desta arte só incompletamente encontrou a sua aplicação.

O fantástico tem na arte um lugar preponderante. Em oposição ao realismo estreito—que pode ainda pertencer aos domínios da arte—o fantástico representa as regiões sem fim da imaginação e do sonho, do maravilhoso e do impossível.

Nenhuma arte como o cinema lhe pode servir de meio de expressão. Há características no cinema que pertencem à imaginação pura. Já notaram, por exemplo, que as imagens dos sonhos se apresentam, tal como numa projecção, destituídas de cor e de relevo? Além disso, o cinema tem o poder dum deus. Pode criar o impossível, destruir dum golpe as mais fundamentais leis da matéria, alterar a marcha eterna do tempo ou mostrar-nos o invisível. Nenhuma outra arte pode tão facilmente romper o envólucro de realidades que nos rodeia e esmaga.

E contudo, esse poder imenso, quasi sobrenatural, só raramente é utilizado pelos realizadores. O cinema não é, como devia e poderia ser, um meio de evasão do real, a porta aberta para um mundo diferente, mundo de sombras, de impossíveis, de irrealidade. Das suas imensas faculdades, apenas as mais vulgares encontram aplicação. E como tal, servem de meio de expressão dum realidade objectiva.

Esta admirável faculdade foi bem compreendida na infância do cinema. Toda a série enorme de filmes de Georges Méliès se compõe de obras de pura imaginação. Fosse extraordinário precursor deu vida às mais singulares fantasias. As deficiências técnicas com que lutava nunca foram obstáculo à sua imaginação inesgotável. Criou uma visão do fim do mundo, pôs em cena a figura mágica de Cagliostro, espalhou prodígios semelhantes por mais de duzentas bobines de película, hoje quasi todas perdidas. Explorou, quanto isso era possível aos seus recursos técnicos, os vastos domínios do fantástico. Mas o seu labor não estava des-

# CINEMA

## O FANTÁSTICO NO CINEMA

tinado a servir de exemplo. A medida que os processos técnicos se aperfeiçoavam, o cinema ia entrando, deliberadamente, pelo caminho dum reprodução objectiva da vida de que só raras vezes se tem afastado. E assim, Hoffman e Pöe não tiveram ainda no cinema um paralelo digno dos seus contos. O cinema distanciou-se da literatura na expressão do fantástico, apenas pela

Muitos outros filmes dessa época heróica do cinema alemão exploraram o fantástico sob alguns dos seus aspectos. *Morte Causada*, *Nibelungos* e *Fausto*, transposição para o ecrã de lendas milenárias, oferecem numa ou noutra passagem exemplos dum utilização consciente dos recursos do cinema neste sentido. Outros, como *O estranho caso do professor Matias*, entraram decididamente pelo domínio do sonho e da alucinação, orientados pelas teorias de Sigmund Freud.

Em França, o fantástico é visto de modo diferente. Os artistas franceses revestem-no de ironia, de espiritualidade. E assim, René Clair dá-nos esse admirável filme que é *Fantasma do Moulin Rouge*, conto fantástico em que o maravilhoso coteja com o cómico.

A cinematografia americana, por seu turno, destinada a uma mocidade desportiva e de imaginação sóbria, não nos apresenta nenhuma obra no género a que nos estamos referindo. Algumas raras tentativas, como *A ilha misteriosa*, pretensa versão da obra de Júlio Verne, resultam grotescas.

Um filme, entre todos os que conhecemos, merece, porém, ser destacado, por isso que representa a mais completa utilização das possibilidades do cinema, no sentido da expressão do sobrenatural, até hoje atingida. Referimo-nos à obra de Jean Epstein, *A queda na casa Uscher*, história fantástica baseada em dois contos de Edgar Pöe. Epstein pôs neste filme o melhor da sua técnica de realizador. Mas soube, principalmente, utilizar processos apenas visuais. O retardador, as deslocções da câmara, o ritmo angustioso das imagens, tudo contribue para criar no espectador a sensação estranha dum ambiente irreal a que falta a lógica.

O fonocinema veio limitar mais ainda a produção de filmes de fantástico e magia. Afigura-se, à primeira análise, que o som contribue para aumentar a realidade ambiente e prejudicará, portanto, o fantástico.

Na verdade, não sucede assim. Há distorsões de sons, ruídos, toda uma infinidade de processos sonoros, que podem colaborar com as imagens na evocação do fantástico.

Que assim é provam-no os fonofilmes do género que, embora em escasso número, vão aparecendo: *A estranha aventura de David Gray*, dirigido pelo grande animador Carl Dreyer e *Le Roi des Aulnes*, inspirado na famosa balada de Goethe, filmes que a critica estrangeira acolheu com agrado.

Provado como está que o som não destrói o sonho, resta desejar que os realizadores se aventurem mais frequentemente para além dos limites já estreitos da realidade e da lógica.



MAGDE EVANS, ANITA PAGE E JOAN MARSH, UMA TRINDADE DE BELEZAS

não utilização dos seus recursos imensos. Mesmo assim, algumas obras existem que representam tentativas isoladas adentro da produção mundial e merecem por isso ser recordadas.

É entre os alemães que vamos encontrar a origem do maior número delas. Tais são, por exemplo, *O gabinete do dr. Caligari*, primeira tentativa de objectivação da sensibilidade dum louco, realizada por Robert Wiene; *Estudante de Praga*, obra de Henrik Galeen, em que um homem vende a sua própria imagem, ou ainda *Sombras*, esse filme estranho em que o irreal afronta a lógica.





# o á pescador

O Guimarães, português e trasmontano, que fez fortuna no Brasil com uma loja de corôas para enterros, que vendia às prestações de duas corôas por semana, resolveu visitar a sua terra natal.

Embora costumasse realizar, sempre, sozinho, as suas viagens de recreio, dessa vez, o Guimarães, fez-se acompanhar pela senhora D. Flora, sua esposa à face de Deus e dos homens do Registo Civil.

Embarcaram no cais do Maná, onde os empregados da casa comercial compareceram em massa, tendo entregue nessa ocasião a D. Flora Guimarães um ramo de flores muito artificiais, ornada dum laço de fitas *moirée*, com a seguinte inscrição: «Que esta não seja a última viagem. O pessoal reconhecido».

Mas a meio da travessia atlântica, rebentou um enorme temporal.

O paquete começou a meter água.

Então, o comandante ordenou que todos saltassem para os escaleres, porque o barco ia afundar-se.

— Está bem, disse o Guimarães, vou buscar a minha bagagem.

— Nada de coisas supérfluas, bradou o comandante. Os escaleres chegam escassamente para salvar as pessoas. Que cada um leve consigo o estritamente necessário.

Mas o Guimarães não se convenceu, e

foi buscar a ma  
a gaiola do pa  
das flores muito  
D. Flora.

Quando o viu apare  
nhora pelo braço e  
carregamento, o co  
meceu.

— Então eu não dis  
sem o estritamente

— É verdade, con  
rões.

— E atirou com  
mar...

Entre vizinhas :  
— O meu marido só  
nela aberta.  
— Isso não é nada,  
com a bôca

— Porque é  
está tão triste?  
— Acaba de  
um doente.  
— Então, não  
talvez morresse de tôdas as maneiras.

No tribunal :  
O juiz— E como encontraram o cadáver?  
O polícia— Morto.

Dois amigos encontram-se :  
— E agora o que fazes ?  
— Apresento no circo um leão que trabalha com uma cabrinha.  
— E dão-se bem ?  
— Nem por isso. Volta e meia tem as suas questões.  
— E depois ?...  
— Depois, compro outra cabrinha.

la, o gramofone,  
pagaio, o ramo  
artificiais e a

cer, com a se  
com todo aquele  
mandante estre-

se que trouxes-  
necessário?

cordou o Guima-

a D. Flora ao

dorme com a ja  
nela aberta.  
O meu só dorme  
aberta.

que o doutor  
me morrer  
se aflija,  
talvez morresse de tôdas as maneiras.

No tribunal :  
O juiz— E como encontraram o cadáver?  
O polícia— Morto.

Dois amigos encontram-se :  
— E agora o que fazes ?  
— Apresento no circo um leão que trabalha com uma cabrinha.  
— E dão-se bem ?  
— Nem por isso. Volta e meia tem as suas questões.  
— E depois ?...  
— Depois, compro outra cabrinha.

Na aula de aritmética :

O professor— Se o menino cortar ao meio uma vara de um metro com o que é que fica ?

O aluno— Com dois pedaços de meio metro.

O professor— E se cortar ao meio os dois pedaços de meio metro, com o que é que fica ?

O aluno— Fico com quatro pedaços de vinte e cinco centímetros.

O professor— E se cortar cada um dos pedaços de vinte e cinco centímetros em dez mil e quinhentos pedaços com o que é que fica ?

O aluno— Com uma saca de serradura.

Entre uma mulher e uma pulga, prefere a pulga. Se a matares, não tens crime.

O professor distraído, dirigindo-se a um polícia :

— Diga-me o nome desta rua ?

— É a rua da Betesga.

— Está muito bem. Pode sentar-se.

Para a mulher o que vale não é o pássaro na mão. São os dois que andam a voar.

— É tão verdade, como eu chamar-me Augusto.

— E como é que o senhor se chama ?

— Chamo-me Joaquim.

— Fui vinte anos carvoeiro, dizia o Ramon, ganhei cem contos e saí do negócio com as mãos limpas.

Entre amigos :

— E mudaste muito com o casamento ?

— Um pouco. Antes de casar gostava de tôdas as mulheres.

— E agora ?

— Agora, gosto de tôdas menos da minha.

O pescador — Lino Ferreira.

UMA das mais belas coisas que se pode possuir é a alegria de viver. Saber apreciar tudo o que a vida tem de bom e não fazer tragédias dos mais insignificantes acontecimentos, da mais pequena contrariedade. Desgostos todos os têm, aborrecimentos surgem a toda a hora. Mas quem é que não tem na vida horas deliciosas a recordar? Minutos que sejam. E porque esquecer esses minutos, essa horas, e lembrar sempre, a todo o momento, os desgostos, as horas negras? Eu penso que se todos, nos momentos amargos, procurassem adotá-los, pensando nas horas felizes que a vida lhes proporcionou, esses momentos seriam, sem dúvida, minorados, diminuída a dor e aumentada a esperança de voltar a ter outras felicidades e, assim, nunca se perderia a alegria de viver. Essa alegria, que eu concordo, é talvez um pouco material, de se sentir viver, respirar bem, de sentir a vida dentro de nós e de contemplar uma bela paisagem, de admirar um lindo dia de sol, essa alegria que, nos organismos saudáveis, é maior, mais forte ainda, depois de um desgosto, de uma desilusão, e que, pouco a pouco, se apossa da nossa alma e nos faz esquecer as horas tristes, as horas más e só nos deixa pensar nas horas felizes que passaram e naquelas que estão para vir. É essa alegria que é necessário que a mulher possua, a mulher, que é o centro do lar, e que mesmo nos momentos maus, tem de ser a animadora, a vida de toda a casa.

Numa casa onde a esposa é triste, há sempre um aspecto solitário. A alegria é luz, a tristeza trevas, e, numa casa, toda a luz é pouca. A alegria é um dom natural, mas é também adquirida pela educação, e deve educar-se a mulher no culto são da alegria, da luz, do gosto de viver.

Uma boca de mulher é sempre bela, quando ri. E a alegria dá saúde e dá juventude. Será muito poético uma rapariga melancólica, mas dá-me sempre a impressão de uma doente ou de uma anormalidade da natureza. Ser alegre, fazer amar a vida aos que a rodeiam, é o dever da mulher. Vêm as contrariedades? É afrontá-las com coragem e ânimo e não carregar mais a sombra, com lamúrias estêreis, que nada remedeiam e para nada servem. A mulher é sempre nova e é sempre bela, quando é corajosamente alegre, quando sabe incutir nos que a rodeiam, a alegria de viver, de saborear a vida, de agradecer a Deus esse dom maravilhoso que nos faz, de viver, de ver o que há de belo no mundo, de sentir, de vibrar e até de sofrer. É pois, um dever, ser alegre e saber alegrar os outros e apreciar na vida tudo quanto ela tem de bom e de agradável e não a escurecer com pequenas nuvens sem importância.

Mar'ia de Eça

### A Moda

ALta elegância está-nos apresentando modelos deliciosos. Damos hoje um deles, usado por Lady Bridget Poulett, uma das debutantes na corte de Inglaterra, este ano, e uma das mais lindas raparigas da sociedade inglesa. Lady Bridget junta a ser linda o ser muito elegante e de um grande *chic* na sua *toilette*, como bem o demonstra a nossa gravura. Nela apresenta um vestido

# Vida Feminina

em setim branco com uma casaquinha em renda grossa, cor de café, fechada com grandes botões em madrepérola. Na cintura passa um pouco de tule branco, que forma atrás uma grande laçada. Esta *toilette*, de um gosto requintado e de uma simplicidade elegantíssima, que tão bem condiz com a florida mocidade da jovem lady, foi executada



pela grande costureira londrina Norman Hartnell, Lady Poulett leva o seu patriotismo ao ponto de só vestir em Londres, o que a não impede de ser uma das raparigas mais elegantes do mundo.

### A mulher chinesa

AS mulheres chinesas estão ainda numa situação muito inferior. A organização feminista francesa faz um activo trabalho de propaganda, indo de casa em casa, para conversar com as mães de família. O sucesso deste método é incontestável, e pode ver-se isso pelo facto das propagandistas do feminismo serem procuradas continuamente e consultadas nas questões de ordem social e íntima. A sede da Organização Feminista Francesa, assim como as suas secções locais, estão sempre cheias de mulheres que vêm tomar informações. Pedidos contínuos chegam de todos os pontos, no sentido de ajudar as mulheres, vítimas nos casamentos forçados, que consistem em obrigar as raparigas a casar contra a sua vontade. Mulheres, que foram ou vão ser vendidas (pois isto ainda se faz na China) vêm continuamente pedir protecção. As leis não protegendo a mulher, elas vêm muita vez queixar-se ou defender-se das acusações do marido. A mulher chinesa sente profundamente o insulto que se lhe inflige com o direito, que a lei concede ao homem, de ter várias mulheres, o que a rebaixa ao estado de concubina. É por isso, que as operárias e as camponesas, que se calaram milhares de anos, seguiram com entusiasmo a bandeira da revolução e têm o fanatismo da nova China.

### Depressa

NOS países latinos é necessário, que passem vinte e um dias para celebrar o casamento, sobre a declaração oficial. Na América bastam cinco dias, ali tudo se faz depressa. Mas, segundo parece, bastam até cinco minutos. O aviador francês Assolant, não precisou de mais para se apaixonar por Carolina Barker e casar com ela. Viu-a no hotel Brunswick, onde se hospedou. Amou-a logo. Ela partiu para Nova York. Ele sofreu, telegrafou-lhe, ela voltou e... casaram. Romance vivido. Nós, porém, que não vivemos à pressa, pelo menos muito à pressa, diremos antes: Primeiro capítulo de um romance. Capítulo maravilhoso certamente, mas o casamento não é um contrato tão simples, que se possa assinar sem ler. Nós exigimos um pouco de reflexão, e, os nossos pais lá tinham as ruas razões, quando impuseram um prazo de vinte e um dias. Se um homem — observou a propósito deste facto, um arguto jornalista estrangeiro — continua a ser tão precipitado, em todos os actos da sua vida, a sorte de uma bela rapariga, que lhe deitou os braços ao pescoço e lhe confiou o seu destino, não é muito segura.

### Crianças

NADA há mais encantador do que as crianças. Elas são a preocupação dos grandes, e, tornar-lhes a vida agradável é um dever para os pais, que o podem fazer.

Nessa arte são mestres os ingleses, que dão às crianças um ambiente próprio para a sua idade, e, que elas habitam com prazer. Damos hoje a gravura de uma *Nursery*, que é um verdadeiro paraíso infantil, e um ninho



cómodo, que não só atesta o bom gosto dos pais, como também, a compreensão do que as crianças precisam para ser felizes. As paredes pintadas com cenas cómicas infantis, dispõem as crianças bem e interessam-nas pela beleza e graça. As luzes em *abat-jours* em forma de balões, essa forma tão apreciada pela infância, dão um efeito graciosíssimo. Os solás e *maples* à altura dos habitantes, são em eretone de cores alegres e suaves, que não ferem a vista das crianças, mas alegram-nas com as suas doces tonalidades. É uma *nursery* modelo. É preciso que em Portugal se comece a dar um pouco mais de atenção às crianças e que nas casas se pense na *nursery* que deve ser reservada às crianças, onde elas podem brincar e agora, que já principiou a sério a instituição das *nurses* com pessoas devidamente educadas e com profundos conhecimentos de puericultura, é natural que as pessoas, que possuem fortuna comecem a dar aos seus filhos comodidades, e afastando-os do convívio com os grandes, o que tornando as crianças extremamente precoces, só as pode prejudicar. Esta linda *nursery* pode servir de modelo a quem a quiser imitar e assim as crianças viverão num ambiente próprio para elas, artístico e gracioso e que muito contribuirá para terem mais tarde esse amor ao *home* que faz com que para ele se deseje o máximo conforto, compatível com os meios de fortuna, e que faz dos ingleses uns apaixonados do lar e da família.

### Higiene infantil

É esta uma época em que as crianças muito se constipam. A desigualdade do tempo, umas vezes frio, outras quente, as ventanias de Março, tudo concorre para essa fragilidade em organismos depauperados pelo inverno. Com muita higiene, consegue evitar-se esse perigo, porque as constipações, que muita gente acha natural as crianças terem, são sempre perigosas, porque são portas abertas a muitas outras doenças. Para as evitar deve haver todo o cuidado, com a higiene das crianças, com a sua alimentação. A ginástica respiratória é muito recomendável. Evitar os resfriamentos, tendo o cuidado de agasalhar bem as crianças, quando saem de uma casa onde haja muito calor. O excesso de açúcar na alimentação também predispõe o organismo infantil para as constipações. É portanto, muito útil não abusar demasiadamente do açúcar. Em seguida ao banho, fricções de água de Colónia e uns mo-

vimentos de ginástica sueca, só podem favorecer as crianças, e, evitando-lhe as constipações tornando-as fortes e belas, com essa alegria comunicativa que nos encanta.

### Uma festa

Como o amável Dionísio na antiguidade grega o bonacheirão e alegre Gamborino, tem também a sua festa campestre num dos países da Europa, em que o bom vinho é apreciado. Referimo-nos à chamada festa do *lúpulo*, que no começo do outono se celebra nos campos de Keut, em Inglaterra. Como é sabido o *lúpulo* é uma trepadeira, bela de aspecto e de sabor amargo, que entra na composição da cerveja. O cultivo do *lúpulo* que reveste na Baviera e na Boémia grande brilho, visto o uso que os germânicos dão à cerveja, reveste também muita importância em Keut, cujos terrenos são extremamente favoráveis a esta cultura. Chegando



ali, no momento da colheita, pode dizer-se, que a quasi totalidade da população operária se junta nas granjas destinadas ao cultivo do *lúpulo*, celebrando com entusiásticos regosijos o fim dos trabalhos. Nesse momento os cultivadores do *lúpulo* acabada a colheita entam canções típicas, adornando-se com as folhas da planta, que lhe proporciona a exis-

tência, depois de vendida aos fabricantes de cerveja britânica. O *lúpulo* de Keut é empregado de preferência para o tipo de cerveja *pale ale* tão apreciada dos verdadeiros amadores.

### Receitas de cosinha

*Pavê* — É delicioso este doce e é de grande efeito, na mesa, quando bem executado. 125 gramas de nata, ou de manteiga fresca, 125 gramas de amêndoa sem casca, 8 colhières de sopa, de açúcar pilé, 4 colhières de sopa de farinha de batata, 6 ovos inteiros e baunilha. Batem-se seis gemas, com quatro colhières de açúcar, juntam-se-lhes as quatro colhières de farinha, e, em se vendo o fundo ao tacho, deitam-se três claras batidas em castelo. Unta-se bem um taboleiro (o de 40 centímetros) com manteiga, deita-se-lhe tudo dentro e vai ao forno a coser. Bate-se a nata, com o resto do açúcar e umas gótas de baunilha. Em estado bem unida a massa, unta-se o bolo, que depois de cosido se tirou do forno e se deixou esfriar, com uma boa camada e cobre-se com as amêndoas picadas e torradas. Há quem o corte ao meio e o barre com uma camada de nata, mas isso depende do gosto de cada pessoa, e não é obrigatório fazer.

### Higiene e beleza

AGORA que se aproxima a época das frutas, há receitas de beleza, bem fáceis de executar. Para a pele, nada há de melhor, do que o sumo de morangos frescos, acabados de colher e esfregados no rosto, deixando-os secar. Cura o herpes, e dá à pele um lindo tom rosado. As framboesas dão o mesmo resultado. Pondo-as num pote de barro cobertas de vinagre, duram muitos meses. Para ser branca como a neve, empregam-se os lírios brancos, aos quais se tira a parte amarela. Cosem-se durante um quarto de hora e lava-se a cara com essa água. Deixando macerar, meia dúzia de folhas de plátano, cortadas em bocados pequenos, durante uma semana, em meio litro de álcool a 60°, obtém-se uma esplêndida loção para tirar rugas. Empregase misturada com um pouco de água fervida, e faz-se a loção à noite, ao deitar. A água de ferver maçãs e pêras, também é uma água de juventude. As uvas espremidas, sobre o rosto, suavizam a pele e tiram as rugas. O sumo de limão espremido, e aplicado com umas gótas de leite, faz muito bem à pele e branqueia muito. Todos estes tratamentos são bem fáceis de fazer, sobretudo na quadra em que vamos entrar.

De mulher para mulher

Preocupada:—Naturalmente que deve fazer o chapéu em palha; o ser friorenta nada quer dizer. E até muito elegante usar o casaco de peles com o chapéu de palha. E neste momento é o grande «chic».

Violeta:—Não me parece que tenha razão. São pequenos amuos a que não deve ligar importância, e, que estou certa, depende apenas de si fazer cessar. Não seja tão «coquette» e verá como elle não se amua.

«Roudelette»:—Não acho um pêso excessivo para a sua altura. É até muito normal, mas se tem essa preocupação faça um pouco de gymnástica de quarto, e tenha um certo regime; não coma muita sôpa nem muito pão, pouco arroz e farináccos, e verá que fica muito bem.

Alfacinha:—Não, minha senhora, não conheço ninguém que se encarregue d'esses trabalhos, que lhe possa recomendar. Mas nas casas da especialidade devem saber.

Colares

CADA vez mais em moda os colares, e cada vez encantando mais as mulheres, que desejam tôdas possuir um colar original. Damos hoje um lindo modêlo de colar, e que comprado feito custará bastante caro, mas que se pode fazer em casa. Compram-se 19 flores em cristal rosa, próprias para enfiar, 18 flores pequenas, 36 fôlhas de cristal verde, e contas pequenas, para fazer o centro.



Enfiam-se no fio próprio as flores, fazendo passar o fio no meio onde se mete a conta, enfiam-se as fôlhas verdes e em seguida as flores pequenas, pelo mesmo sistema das grandes. E mseguida ata-se o fêcho de metal e assim se obtém um lindo colar de rosas, cujo tom rosa e verde ficará maravilhosamente à carnação branca e rosada das loiras. É um colar pouco visto entre nós, e uma das grandes novidades lá fora. E na verdade compreende-se bem o delírio dos colares que as senhoras têm actualmente, porque elles completam a «toilette», servindo de comple-

mento e de adôrno, e dando muitas vezes vida a uma «toilette», que sem êle seria banal.

A carteira

ULTIMAMENTE tem revivido a arte da agulha. Os bordados e os trabalhos em malha estão na moda. Não só êstes, mas todos, e nada mais elegante do que usar objectos que se veja serem feitos à mão, e pela própria pessoa. E para quem gosta de bordar nada mais agradável e económico do que fazer êsses pequenos nadas, que completam a «toilette», e que muitas vezes custam uma fortuna. E fazendo-os a própria pessoa, pode ter sempre uma «toilette assortie». A carteira é um objecto que está nêstes casos. O trabalho em tapeçaria é o mais adequado para as carteiras. É forte porque a talagarça bordada a lã torna-se um tecido consistente. É um trabalho facilimo, mesmo para as principiantes, porque os próprios buracos do tecido ensinam onde meter a agulha. Damos uma amostra do ponto usado para fabricar o lindo modêlo de carteira, de que hoje damos a gravura. O ponto é facilimo. Começa-se da direita para a esquerda. A agulha passa um buraco e depois acima deixando um buraco no meio, ao qual se volta, em seguida, metendo a agulha, e continuando o mesmo sistema de forma que o ponto fique curto do diêrito e comprido do avêsto. Isto dá em resultado a talagarça ficar completamente tapada. Ao armar a carteira deve pôr-se uma entretela bastante dura de maneira a suportar as diferentes algebeirinhas que é necessário colocar-lhe. Deve haver o maior cuidado na escolha do fôrro e na perfeição do trabalho, que sendo mal feito perde todo o interêsse. A beleza e a elegância têm de ser unidas à perfeição, neste género de trabalhos.

As côres devem ser escolhidas de forma a harmonizarem o mais possível com a «toilette». Fica muito bem em preto e branco, em azul e bege. Em dois tons de verde. Todos os tons têm cabimento, com tanto que não destôem do vestido com que a carteira tem de ser usada. A elegância da mulher moderna reside sobretudo na harmonia da «toilette». Há «toilettes» que são de uma simplicidade extraordinária e, no entanto, são de um inexplícavel «chic», que provém apenas da harmonia que existe desde o sapato, ao chapéu da pessoa, que teve o bom gôsto de a escolher e de a usar.

País novo

NA sua maior parte, o povo da Nova Zelândia não tem um século de idade. E se respeita



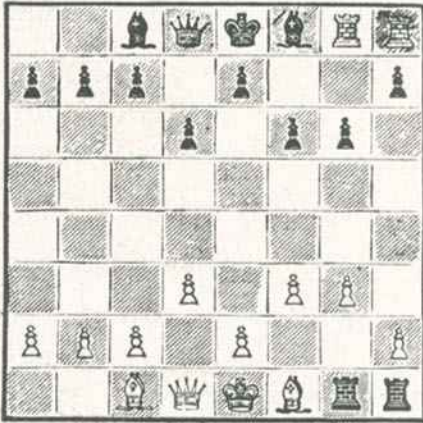
o passado da sua terra, manifesta, porém, a vontade de ser um povo moderno. As instituições democráticas têm ali muita sabedoria. Todo o deputado que se ausenta do seu cargo, por razão que não seja gravíssima, perde o mandado. Na Nova Zelândia todos trabalham com energia e confiança. A abastança e a comodidade são ali quasi gerais. O mais modesto operário tem na sua casa telefone, quarto de banho, rádio, e quasi sempre automóvel. Geralmente passam a noite em casa, e os «bars» fecham às 18 horas. Em geral os neo-zelandeses fogem do rumor e do pó das cidades, e habitam nos arredores em casas limpas e elegantes. O sábado é o dia desportivo; o domingo é consagrado à igreja e ao lar. Lojas e cinemas fecham, e poucos veículos atravessam as ruas, dando o aspecto das ruas de Londres no tempo austero da rainha Vitória. Depois de dez anos de estada em Iaiti, o emigrante inglês leva na sua mala uma biblia, uma chaleira e importantes e originaes lembranças. Visitando aquele país compreende-se a unidade do Império Britânico, que é mais questão de costumes do que de política. A extracção do «caoutchouc» e as indústrias anexas necessitam grandes capitais, que pela maior parte vêm de Inglaterra. A dança e o canto são como a segunda natureza dsête povo feliz. O «poi», baile gracioso e ritmado, e a «koka», dança acompanhada de cantos guturais, celebravam dantes os heróis das guerras, depois vieram as melodias de amor, às quais sucederam as odes em honra dos visitantes illustres, e é com essas odes que agora se recebem os hospedes illustres.

Pensamento

Um tolo cheio de sabedoria é mais tolo do que qualquer outro homem.

# Fim de festa

## XADREZ



À primeira vista o leitor pode imaginar que a posição que damos acima não é positivamente dum jogo de xadrez. Mas, enganar-se-á. Poderá ele construir um jogo possível, embora absurdo, no menor número de lances, em que se chegue até esta posição?

## BOAS RESPOSTAS . . .

Um sujeito insultado por outro, dá-lhe o seu cartão de visita, dizendo:

— Amanhã, estou todo o dia em casa!

O outro, metendo o bilhete na algibeira:

— E eu, também!

— Porque pões neste quadro a designação de vendido, se ninguém t'o comprou?

— Porque é a única maneira de aparecer quem o queira comprar!

## QUAL É A SIGNIFICAÇÃO DOS QUATRO NAIPES DUM BARALHO DE CARTAS?

Os naipes nas cartas de jogar, tais como hoje existem, tiveram a sua origem em França e pretendiam representar quatro das principais classes de homens desse país. As *espadas*, figurando a ponta de uma lança, refe-



riam-se à classe militar; os *oiros*, na realidade da forma de um mosaico, significavam a classe operária; os *paus*, um trifólio, ou folha de trevo, simbolizavam os agricultores; e as *copas*, semelhantes ao chapéu clerical que então se usava, representavam o clero.

## ANEDOTAS

— Minha mulher educa o nosso pequeno, perfeitamente. Quando ele é desobediente vai para a cama sem ceia.

— Não acha isso demasiada severidade?

— Não; porque ela, depois, leva-lhe sempre a ceia à cama.

Diz a senhora à criada:

— É verdade, Catarina, que vais casar?

— É, sim, minha senhora.

— Pensa bem no que fazes, porque o casamento é uma coisa muito séria.

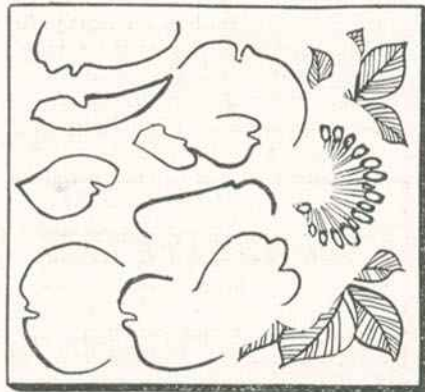
— Bem sei, minha senhora; mas eu tenho esperança de que o meu marido me não há-de enganar, como o seu...

## A ROSA BRAVA

(Passatempo)

Eis aqui uns traços soltos, que à primeira vista não têm nada de especial. Se, porém, souberem o que lhes hão de fazer, chegarão a reconstituir com eles, uma flor.

Para o conseguir, pegue-se numa folha de



papel transparente, decalque-se as linhas que se vêem no desenho, reúnindo-as de forma, que o conjunto apresente o aspecto duma rosa brava.

## A DOBRA DAS CALÇAS

Actualmente, um homem pareceria completamente descuidado e desdenhoso pela correção, se ousasse aparecer com uma calça, que uma dobra impecável não dividisse no seu comprimento.

Outrora, essa dobra nada tinha de elegante; era, pelo contrário, sinal humilhante duma elegância de casa de roupas feitas.

Um jornal de alfaiates ingleses conta o facto histórico que o tornou obrigatório:

Eduardo VII, que ainda era nessa ocasião príncipe de Gales, ia para as corridas de Goodwood com calças claras e fraque preto. Subindo no carro, um movimento fez com que ele se encostasse ao guarda-lama e as sujasse.

Não havia tempo para voltar ao palácio. O príncipe deu uma ordem ao cocheiro e este levou seu augusto patrão para uma grande loja de roupas que havia ali perto. O príncipe desceu e entrou na tal loja reaparecendo uns minutos mais tarde com uma calça que lhe tinha custado apenas uns vinte e cinco mil réis e que tinha bem marcada a tradicional dobra das roupas compradas feitas.

No Turf esta inovação foi muito comentada e no dia seguinte Londres inteira tinha adoptado a dobra nas calças.



— SARES? VOU DEIXAR CRESCER O CABELO. AH! O CABELO CRESCIDO TORNA UMA MULHER MUITO MAIS MISTERIOSA, NÃO ACHAS?

## OS MEDICOS . . .

— Doutor, não esquecerei nunca que lhe devo a vida!

— O que o meu amigo me deve são quinze visitas. É isso o que eu desejo que não esqueça.

— Estive muito doente. Seis meses de cama! Nada menos!

— Foi, então, uma doença muito grande?

— Não, a falar verdade, a doença foi pequena. O que foi muito grande foi a conta do médico que me tratou.

## BRIDGE

(Solução)

O problema pode servir para exemplo do grande Schlem. Seria incorrecto começar pelo ás de copas porque, então, C não jogaria trunfo sem ser a isso forçado e desta forma faria a sua dama de trunfo. O mais acertado é B sair por espadas. C, a quem não convém cortar, balda-se a oiros ou paus. A corta com o trunfo mais pequeno e joga a seguir uma carta do naipe a que C se baldou. B pega, e volta a espadas, que A corta de novo com o trunfo mais pequeno. Então A põe na mesa a sua única carta que não é trunfo, B faz vasa, e joga de qualquer maneira. C corta. A recorta. B faz então o seu ás de trunfo, sendo do morto as duas últimas vasas.

## PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

	M	O	L	I	N	E	T	E	S	
M		N	A	M	O	R	A	S		C
A	L		R	O	S	A	L		V	A
R	E	I							R	A
G	I	S		A	R	O		A	I	S
A	T	O		T	I	L		I	D	O
R	O	L		O	R	A		V	A	L
I	R	A							O	D
D	A		P	U	L	S	O		E	T
A			M	A	R	I	O	L	A	A
			V	A	R	I	O	L	O	S

# Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua termal,  
Banhos de agua do mar  
quentes, BANHOS CAR-  
BO-GASOSOS, Duches,  
Irrigações, Pulveri-  
sações, etc. — — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,  
Calor, Electricidade  
médica, Raios Ultra-  
violetas, DIATERMIA  
e Maçagens. — — — — —**

**MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

## PODE CONHECER A VERDADE!

**DEIXE-ME DIZER-LHA GRATUITAMENTE**

Certos factos passados, da sua vida, seus projectos futuros, suas possibilidades financeiras e muitos outros assumptos confidenciaes lhe são revelados pela Astrologia a mais antiga sciencia da Historia. A mesma sciencia lhe revelará os seus projectos de vida, felicidade conjugal, amigos e inimigos successo em suas empresas, questões legaes, especulações e muitos outros assumptos de interesse vital.



Deixe-me dizer-lhe quaes as forças cosmicas que podem influir na sua vida e modifical-a por completo, trazendo-lhe ao mesmo tempo o successo, a felicidade e a prosperidade, em vez de se expôr á falencia e ao desespero. Essas forças podem estar agora mesmo convergindo para si. A sua interpretação astrologica ser-lhe ha descripta em linguagem clara e simpl s em Portuguez e não ultrapassa duas paginas completas.

Tenha o cuidado de indicar na sua carta a data da sua nascença, seu nome e endereço bem legivelmente escriptos e com a sua propria mão. Se quizer pode mandar 5\$00 para cobrir as despesas postaes e de escripturas. É preciso escrever imediatamente se quizer receber o meu trabalho rapidamente. Póde ser que esta oferta não seja talvez renovada por isso, queira escrever já para:

**ROXROY Dep. 6602-A Emmastraat, 42  
A HAYA (Hollanda)**

**Selo para a Hollanda: 1\$25**

# As Minhas Aventuras pela Europa

POR

**Charlie Chaplin**

**(CHARLOT)**

**Interessantissimo livro  
do popular**

**AZ DO CINEMA**



1 volume de 250 pági-  
nas brochado . . . **10\$00**



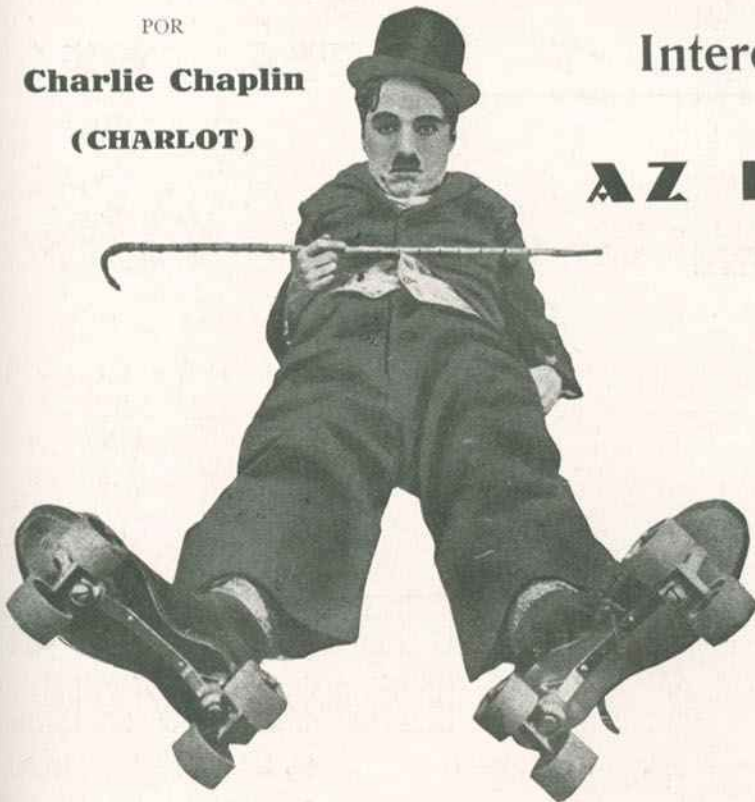
À venda em todas as livrarias

**Pedidos á**

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75

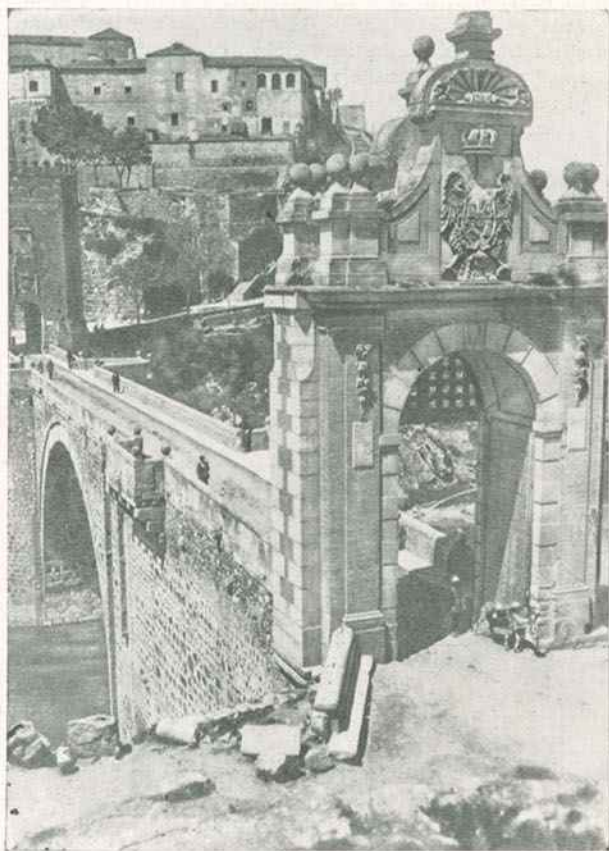
**LISBOA**



A' VENDA EM TODAS  
AS BOAS LIVRARIAS  
A 2.<sup>A</sup> EDIÇÃO  
DO  
**TOLEDO**

IMPRESSÕES  
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO



PORTA «DEL PUENTE DE ALCANTARA»

1 Volume de 226 páginas  
brochado Esc. 10\$00



PEDIDOS AOS EDITORES  
LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Acaba de sair a 3.<sup>a</sup> edição

DE

**ANDAM FAUNOS  
PELOS BOSQUES**

POR

**AQUILINO RIBEIRO**

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias*.

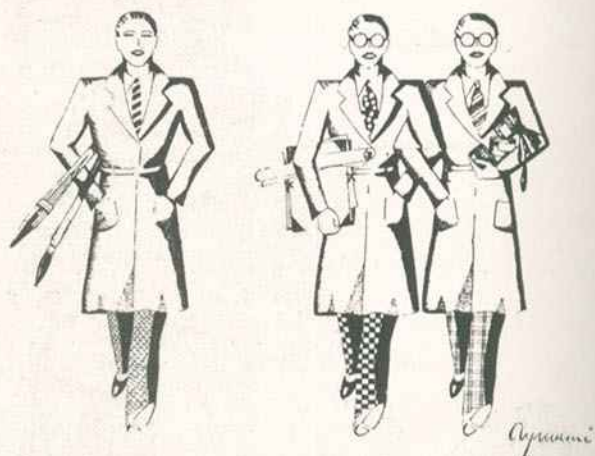
1 vol. de 356 páginas, brochado. . . . **12\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73 Rua Garrett, 75 — LISBOA

**GRAVADORES**

**IMPRESSORES**



TELEFONE  
2 1368

**BERTRAND  
IRMÃOS, L.<sup>DA</sup>**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

# BOLACHIAS

A GRANDE  
M A R C A  
PORTUGUESA

Variadas e  
saborosíssimas  
qualidades

UM UNICO FABRICO  
O MELHOR

# NACIONAL



# LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



**Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática**

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

**LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS**

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

**No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS**

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGENCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMESTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOUCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COUROS E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOÇARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

## LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

**1 GROSSO VOLUME DE 1.152 PÁGINAS LINDAMENTE ENCADERNADO EM PERCALINA A CÔRES E OURO, CUSTA APENAS 30\$00**

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

**ESTÁ À VENDA O**

# Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

**UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL**

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa—RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO—Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros—Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 452 gravuras, cartonado . . . . . **10\$00**  
Encadernado luxuosamente . . . . . **18\$00**

**Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS**

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**33.º — ANO — 1932**



## ANTOLOGIAS PORTUGUESA E BRASILEIRA

Verdadeiro tesouro da língua e literatura portuguesa e brasileira, esta colecção destina-se a tornar facilmente conhecidos e estimados os melhores prosadores e poetas portugueses e brasileiros, antigos, modernos e contemporâneos. Todas as obsoletas modalidades de ortografia, pontuação, disposição tipográfica, etc., que tornam difícil ao comum do público a leitura dos clássicos mais antigos, são alteradas e modernizadas com cuidado, dando-se quanto possível a esta importante biblioteca um aspecto material moderno e convidativo.

Com intuito de simplificação e vulgarização, excluiu-se o texto que tornava pesada a sua leitura: citações de fontes, longas e difíceis transcrições latinas e passos de conteúdo literário menos interessante, etc., etc. E para que os volumes possam ser admitidos sem escrúpulo nas famílias, serão criados e arredados, na escolha feita, os termos ou textos considerados impróprios.

*As Antologias recomendam-se especialmente:*

As *Famílias* cuidadas da boa educação literária de seus filhos;

As *Escolas*, necessitadas de textos para a leitura doméstica, e comentário nas aulas de língua, história e literatura nacionais;

Aos *Moços Poetas e Prosadores*, que assim encontrarão à mão os melhores modelos, guias e mestres;

Aos *Estrangeiros* estudiosos da língua e dos génios literários, a quem se oferece uma ampla e acessível vista de conjunto sobre este vasto campo;

A todos aqueles que, desejosos de completar a sua educação geral, com justa razão se queixam de que o tesouro da literatura portuguesa e brasileira jaz enterrado, ou na raridade e alto custo das edições antigas não refeitas, ou na vastidão da obra de tantos escritores, ou no carácter erudito de algumas das modernas edições.

Estas colecções têm encadernação própria, ao preço de . . . . . **4\$00**

### ANTOLOGIA PORTUGUESA

*Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo Dr. Agostinho de Campos*

JÁ PUBLICADOS:

**Afonso Lopes Vieira** (1 vol.)

**Alexandre Herculano** (1 vol.)

**Antero de Figueiredo** (1 vol.)

**Augusto Gil** (1 vol.)

**Camões lírico** (4 vols.)

**Eça de Queirós** (2 vols.)

**Fernão Lopes** (3 vols.)

**Frei Luís de Sousa** (1 vol.)

**Guerra Junqueiro** (1 vol.)

**João de Barros** (1 vol.)

**Lucena** (2 vols.)

**Manuel Bernardes** (2 vols.)

**Paladinos da linguagem** (3 vols.)

**Trancoso** (1 vol.)

Estes volumes são do formato 12×19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado . . . . . **12\$00**

### ANTOLOGIA BRASILEIRA

*Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo Dr. Afrânio Peixoto*

JÁ PUBLICADOS:

**Castro Alves** (1 vol.) — **José Bonifácio** (1 vol.) — **Vieira Brasileiro** (2 vols.)

ASSINATURAS — Similarmente ao que estabelecemos para a *História de Portugal*, por Alexandre Herculano, facultamos a aquisição das *Antologias*, Portuguesa e Brasileira, por assinatura, sendo a remessa dos seus volumes feita em períodos semanais, quinzenais ou mensais, conforme o sr. assinante quiser e no-lo determinar no seu pedido. Assim adquirirá êle esta obra notabilíssima, cuja presença por si só honra uma biblioteca, nas condições mais favoráveis a pouco e pouco e sem qualquer encargo pesado.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS — Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada vol. em br. . . . . 12\$00

» » » — Encadernado em percalina, com ferros especiais e letras a ouro . . . . . 16\$00

COLÓNIAS PORTUGUESAS — Pagamento adiantado — Incluindo despesas de correio e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas

Para assinar esta obra basta, num bilhete postal, requerê-lo aos editores

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

**73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

# Hoje em dia...

## As grandes velocidades exigem lubrificantes especiais

As médias horárias hoje atingidas pelos automóveis são muito maiores do que aqui há alguns anos.

As estradas melhoradas, os veículos mais confortáveis e rápidos tornam possíveis grandes velocidades.

Estas grandes velocidades, porém, demandam maiores esforços dos «chassis» e dos motores. Por isso, a lubrificação racional é hoje mais importante do que nunca.

Acautele-se, pois. Adote Mobiloil.

O Mobiloil — fabricado por processos modernos com petróleos seleccionados — conserva-se inalterável, mesmo sob as mais ásperas condições de funcionamento dos motores.

Mobiloil protege perfeitamente todas as superfícies de trabalho, assegura uma invulgar economia, produz menos carvão.

O emprêgo permanente do Mobiloil é a melhor garantia contra a «panne».

Conseqüentemente, esteja V Ex.<sup>a</sup> onde estiver só deve exigir



### MUITO IMPORTANTE

As vantagens do emprego do Mobiloil são indiscutíveis. Assegure-se, porém, de que o adquire sempre em latas fechadas, apresentando intacta a cápsula com o Gargoyle a vermelho.



# Mobiloil

*Um pouco mais caro — Mas vale a diferença.*

1053

## Vacuum Oil Company, Inc.